

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2022

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

TEIXEIRA DE ARAGÃO (1823-1903), PIONEIRO DO COLECCIONISMO ARQUEOLÓGICO EM PORTUGAL¹

TEIXEIRA DE ARAGÃO (1823-1903), PIONEER OF ARCHAEOLOGICAL COLLECTING IN PORTUGAL

Elisabete J. S. Pereira² & João Luís Cardoso³

Abstract

The scientific contributions of Teixeira de Aragão are determined by a combination of various social, cultural and economic factors that also explained the emergence of archaeological collections in Europe in the second half of the 19th century.

In a universe that unfolded between the exercise of a military career (as a) and the cultivation of art and erudition, Aragão develop a network of contacts that included the most financially wealthy collectors, including King D. Luís. The beginnings of his long activity as collector was characterized by its relationship with landowners or simple rural workers in a geographical area located near the city of Tavira, close to which abundant Roman remains were collected, which constituted the essence of its archaeological collection.

He worked with two of the main archaeologists and authors of museological projects of his time – Estácio da Veiga and Leite de Vasconcelos – and the effective contributions in the field of Archeology that are owed to him, were until now underestimated by his notoriety and excellence in the field of Numismatics. Such are the objectives of the present work, which will also contribute to the knowledge of the trajectories of some archaeological pieces of this collection, from the last decades of the 1800s to to the present.

Keywords: archaeological collections; XIX century; Teixeira de Aragão; Portugal

1 – INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX existiram alguns colecionadores privados de materiais arqueológicos, contribuindo assim para a preservação e estudo destas quase sempre frágeis peças do património móvel. Desempenharam assim papel decisivo na identificação e preservação de objetos arqueológicos. Os estudos que modernamente vêm sendo feitos começam a conferir visibilidade a estes personagens que integraram

¹ Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Projecto UIDB/HIS/04209/2020 em que se encontra integrada a primeira autora, tendo sido igualmente desenvolvido no âmbito das actividades do Grupo de Trabalho History of Archaeological Science, do ICArEHB (Universidade do Algarve), dirigido pelo segundo autor.

² IHC/NOVA FCSH pólo da Universidade de Évora. ejsp@uevora.pt

³ Universidade Aberta. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). ICArEHB (Universidade do Algarve). cardoso18@netvisao.pr

de forma muito significativa o processo de construção do conhecimento sobre o passado com base em vestígios materiais, independentemente do seu valor intrínseco ou artístico. Em alguns casos, esses colecionadores – médicos, militares, padres, funcionários públicos, agricultores, proprietários ou outras figuras ligadas aos meios rurais e, muito mais raramente, à burguesia urbana – possuíam considerável ascendente sobre os seus interlocutores, o que facilitava a obtenção dos espólios que integravam nas suas colecções (PEREIRA, 2018).

Neste artigo, estuda-se a figura de Augusto Carlos Teixeira de Aragão (1823-1903), cirurgião militar português e um dos mais prolíficos colecionadores da segunda metade do século XIX (Fig. 1). No final da sua vida, as suas importantes colecções de objectos arqueológicos, armas antigas, obras de arte, mobiliário, livros e curiosidades históricas foram leiloadas em Portugal e outras vendidas em Paris.

2 – UM COLECCIONADOR PORTUGUÊS

Augusto Carlos Teixeira de Aragão integrou a moda do coleccionismo de peças arqueológicas, observado ao longo da toda a segunda metade do século XIX. Esta prática, que rapidamente se afirmou num círculo restrito das elites rurais ou urbanas, difundiu-se na sociedade europeia que passou a valorizar peças escultóricas, inscrições latinas e moedas da Antiguidade Clássica, a par de uma grande variedade de outros objetos, mais modestos, mas que contribuíram para a construção do conhecimento sobre a ocupação humana pré-histórica dos territórios: pontas de seta, vasos de cerâmica comum ou machados de pedra polida, passaram assim a interessar um crescente número de amadores mais ou menos abonados.

Está nesse caso Teixeira de Aragão. O conteúdo das suas colecções foi parcialmente registado por alguns autores da época e através dos catálogos produzidos por leiloeiros para a hasta pública que teve lugar na sua residência, na Calçada do Salitre, em Lisboa, com início no dia 18 de Dezembro de 1901, e que levaram à venda de mais de um milhar de objectos que lhe pertenciam. Naquele dia e nos dias seguintes foram leiloados espólios tão variados como uma colecção de sinetes de prata pertencentes aos antigos conventos do século XVI, diversas peças de vestuário antigo, jóias valiosas, peças de porcelana da china, faianças portuguesas, quadros a óleo sobre tela, alguns da escola espanhola e veneziana, instrumentos musicais (bandolim, harpa, tamborete



Fig. 1 – Busto de Augusto Carlos Teixeira de Aragão. Escultura em mármore, de António Alberto Nunes, 1892. Museu de Évora, inv. 611. Cortesia do Museu de Évora, foto© de Elisabete Pereira.

africano, rebeça árabe), mobiliário antigo, 300 peças de vidros antigos de Veneza, Boémia e Espanha, a par de um conjunto de objectos que pertenceram aos realistas de Serpa. Foi simultaneamente leiloadada uma colecção de 487 armas antigas, registada como “notável” pela “variedade de algumas marcas, como pela parte artística de muitas peças, sobretudo das espingardas de fabrico português”⁴. O próprio Rei D. Carlos (1863-1908) visitou a residência de Aragão e adquiriu algumas destas espingardas antigas para o seu museu privado (KEIL, 1905, p. 29). Existe ainda informação sobre a venda de várias centenas de livros que constituíam a sua livraria nos catálogos do leilão que decorreu em 1904, já depois do seu falecimento⁵. Neste conjunto de catálogos produzido pelos leiloeiros, encontra-se também um volume intitulado *Livros sobre Numismática pertencentes à livraria do falecido Dr. Teixeira de Aragão* (n/a 1904 c). O Museu de Belas Artes e Arqueologia, fundado em Lisboa em 1882, nomeou uma comissão para adquirir a Aragão “trajes, os melhores exemplares de bordados de todos os géneros, cristais, miniaturas, e peças de mobiliário; mas deixou de adquirir a importante coleção de armas de guerra, de instrumentos musicais antigos, de calçados de várias épocas e países e a de talheres antigos” (KEIL, 1905, p. 28).

É possível identificar alguns dos objectos que pertenceram a Aragão através dos inventários disponibilizados online pelos museus portugueses. No Museu Nacional de Arte Antiga regista-se um anel de sinete do século XV que Aragão adquiriu em 1880 na vila de Odemira por 12.000 réis⁶ estudado pelo próprio (ARAGÃO, 1887) e um escritório dos séculos XVI-XVII de fabrico austríaco que o coleccionador levou ao leilão de 1901⁷. No Museu Nacional do Traje e da Moda encontram-se inventariados um casaco e um colete em seda verde do início do século XIX⁸, peças de vestuário que foram transferidas do Museu Nacional de Arte Antiga para o Museu dos Coches e posteriormente para o Museu Nacional do Traje e da Moda. Também o Museu Nacional de Arte Contemporânea incorporou nas suas colecções uma pintura a óleo, de 1867, representando uma “Camponesa de Ílhavo”. O quadro foi oferecido pelo seu autor, Francisco José de Resende, a Teixeira de Aragão e adquirido pelo Estado em 1943⁹.

A dispersão dos seus objectos através destes leilões não foi assim alheia às instituições museológicas da época e às personalidades a elas associadas, bem como aos colecionadores particulares. Relativamente aos objectos arqueológicos, que não constam de nenhum dos catálogos acima referidos, sabe-se que alguns foram vendidos ao Museu Etnológico Português e outros adquiridos por Stanislas Baron, antiquário parisiense, como adiante se verá.

⁴ n/a 1904 b - *Catálogo do leilão de armas antigas: colleção do fallecido Dr. Teixeira Aragão*. Lisboa: Typ. Universal.

⁵ n/a 1904 a - *Catálogo da importante livraria do distincto numismata Dr. Teixeira de Aragão*. Lisboa: Imp. Lucas; n/a 1904 c - *Livros sobre numismática pertencentes à livraria do falecido Doutor Teixeira de Aragão*. Lisboa: Inst. Geral das Artes Graphicas.

⁶ Museu Nacional de Arte Antiga, n.º 927 Joa
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=246459>

⁷ Museu Nacional de Arte Antiga, n.º 562 Mov
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=261071>

⁸ Museu Nacional do Traje e da Moda, n.º 3927, n.º 3928.
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=45686>
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=45687>

⁹ Museu Nacional de Arte Contemporânea, n.º 1051.
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=201515>

3 – TEIXEIRA DE ARAGÃO E O ESTUDO DO PASSADO ATRAVÉS DO COLECCIONISMO ARQUEOLÓGICO

A mais antiga referência ao interesse de Teixeira de Aragão pela arqueologia foi registada por Estácio da Veiga na sua obra *Povos Balsenses* (VEIGA, 1866, p. 25). O autor anotou que, em 1856, Aragão recolheu na Fazenda do Trindade (sítio de Santa Luzia, Tavira) um monumento funerário de época romana que transportou para o jardim do Hospital Militar de Tavira. Tratava-se de um altar de calcário cinzento que registava o falecimento de uma criança de um ano e 23 dias, *Tatianós*, para quem o pai e a mãe, de origem grega, mandaram executar o monumento e redigir a epígrafe.

Formado na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, Teixeira de Aragão seguiu a carreira militar e era na época cirurgião-mor em Tavira. O seu forte interesse por numismática e por objectos antigos (ARAGÃO, 1874, p. 7) terá criado uma memória impressiva junto das populações rurais: “A memória de Aragão ficou tão viva, mesmo na gente do campo, que ainda hoje, (e já lá vão bastantes anos!), quando em algumas terras do Sul pergunto por objectos arqueológicos, obtenho frequentemente a resposta: “O que havia, já levou o Dr. Aragão ou Estácio da Veiga” (VASCONCELOS, 1904, p. 135).

José Leite de Vasconcelos (1858-1941), o primeiro director do actual Museu Nacional de Arqueologia, criado em 1893 com a designação de Museu Etnográfico Português, registou a anterior citação na nota necrológica sobre Teixeira de Aragão que publicou em 1904. Vasconcelos encontrava-se à época, fortemente empenhado na organização de uma colecção arqueológica de âmbito nacional, procurando representar no Museu que dirigia as tradições, costumes e história das populações de todas as regiões portuguesas. Tal disposição levou-o igualmente a registar a importância das colecções reunidas por Teixeira de Aragão, que poderiam, como referiu, enriquecer vários museus:

“Pena foi que o Estado não adquirisse na totalidade a colecção archeologica de Teixeira de Aragão; com ela se enriqueceriam vários museus. Ainda assim, alguma coisa ficou salva.” (VASCONCELOS, 1904, p. 136).

As anteriores citações permitem concluir que Teixeira de Aragão foi um dos mais activos coleccionadores de objectos arqueológicos durante a segunda metade do século XIX. O facto de Teixeira de Aragão ter permanecido quase ignorado neste domínio até à actualidade poderá estar relacionado com a relevância que adquiriu tanto na área da História¹⁰ como, sobretudo, da Numismática¹¹, salientando-se neste âmbito o cargo de director do Gabinete de Numismática do rei D. Luís I de Portugal, para o qual foi nomeado em 1867 (XAVIER, 2011). Com efeito, a sua visibilidade pública como numismata foi comprovada pela publicação do catálogo das moedas, medalhas e outros objectos artísticos que integraram a exposição portuguesa sobre a História do Trabalho, realizada no âmbito da Exposição Universal de Paris de 1867 (ARAGÃO, 1867) (Fig. 2).

As 1966 peças transportadas para a capital francesa reportavam-se a várias colecções de arte e indústria portuguesas e identificam os possuidores das mesmas¹² (Fig. 3).

¹⁰ *D. Vasco da Gama e a Vila da Vidigueira* (1871), *Vasco da Gama e a Vidigueira* (1886), *Breve notícia sobre o descobrimento da América* (1892), *Catálogo dos objectos de arte e indústria dos indígenas da América, que pelas festas comemorativas do 4.º centenário da sua descoberta a Academia Real das Ciências envia à exposição de Madrid* (1892), *Diabruras, santidades e profecias* (1894).

¹¹ *Description des monnaies: médailles et autres objets d'art concernant l'histoire portugaise du travail* (1867); *Notes sur quelques numismates portugais des XVIIe, XVIIIe, XIXe siècles* (1867), *Descrição Histórica das moedas romanas existentes no Gabinete Numismático de S. M. El-Rei o Sr. D. Luis I* (1870), *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal* (Aragão, 1874; 1877; 1880).

¹² Apresentou-se então em Paris uma selecção das colecções da Casa Real, do gabinete arqueológico da Academia Real de Belas Artes de Lisboa, das colecções da Academia Real das Ciências de Lisboa, das Catedrais de Lisboa e de Évora, da Biblioteca de Évora (colecções

Foram apresentados em Paris objectos encontrados pela primeira sociedade científica portuguesa criada com o exclusivo objectivo de dedicar-se à investigação de um sítio arqueológico, a *Sociedade Archeologica Lusitana* (CARDOSO, 2018), no caso a estação romana: um colar em ouro e dois anéis no mesmo metal encontrados na cidade romana de Tróia (Setúbal). A organização desta mostra contemplou também espólios arqueológicos da colecção organizada por D. Frei Manuel do Cenáculo, pertencentes à Biblioteca Pública de Évora: foram exibidas na Exposição Universal de 1867 dois fragmentos de estátuas romanas, duas cabeças de homem em mármore branco e duas estatuetas de bronze arcaicas, representando uma cabra e um javali, pertencentes ao mesmo conjunto daquelas que hoje ainda ali se podem observar (Fig. 4). Estava também representado o recente museu formado pela Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses, com diversos materiais medievais, entre os quais o busto atribuído à representação de D. Afonso Henriques, segurando numa mão a espada e na outra a cruz. Todos estes objectos arqueológicos foram catalogados por Teixeira de Aragão juntamente com a restante colecção que integrou a secção portuguesa e onde se mostraram preciosas peças de ourivesaria e joalheria, como a cruz processional de ouro de D. Sancho I, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga e outros objectos litúrgicos de ouro dos antigos conventos extintos, a par de peças de mobiliário, vidros, cerâmicas e faianças portuguesas, manuscritos e livros impressos, exemplares

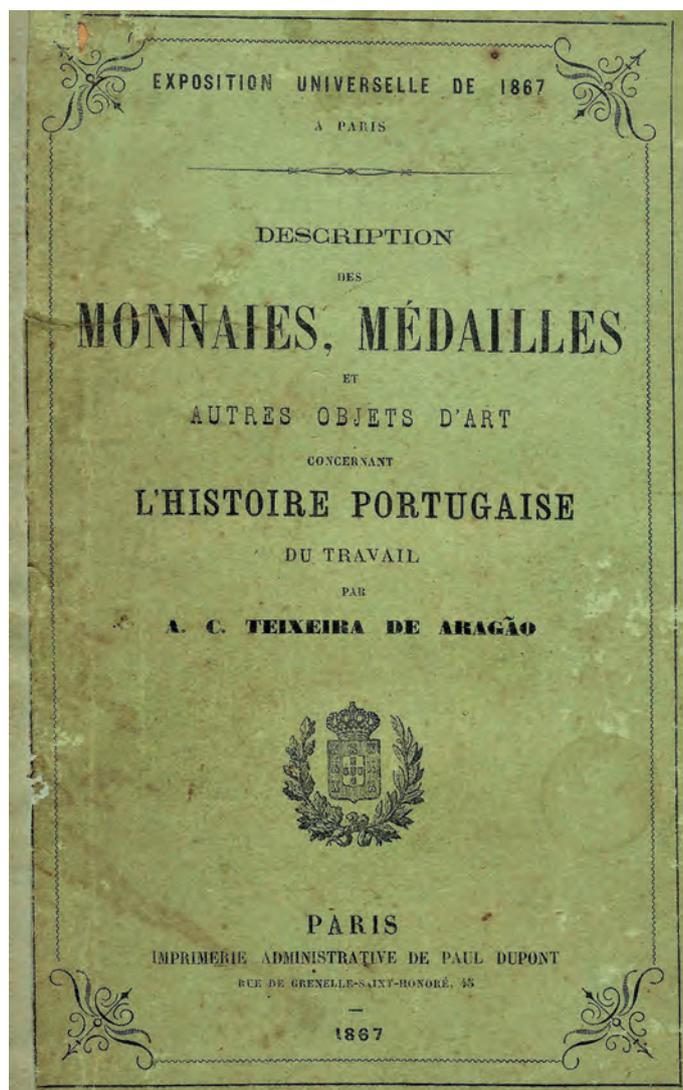


Fig. 2 – Capa do catálogo da exposição portuguesa sobre a “História do Trabalho”, com a descrição das moedas, medalhas e outros objectos de arte apresentada na Exposição Universal de Paris de 1867, da autoria de Teixeira de Aragão. Arquivo© de João Luís Cardoso.

de Frei Manuel do Cenáculo), dos Municípios de Lisboa e Portalegre, do Arsenal da Armada, do Museu da Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses, da Sociedade Archeologica Lusitana, da Administração das Minas de São Domingos (Alentejo), da Biblioteca Nacional de Lisboa e Arquivos do Reino. Na exposição encontravam-se também objectos cedidos por particulares. Além das séries de moedas cunhadas pelos municípios, colónias romanas, povos de Espanha, e pelos reis de Portugal até ao ano de 1867 (ARAGÃO, 1867), são mencionados objectos de arte, peças de ourivesaria, mobiliário em pau-rosa e cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XVIII pertencentes ao Barão de Pombeiro, a Jean Palha Faria de Lacerda, Maria da Conceição Serra e Silva, Conde de Penafiel e Barão de Alcochete. Das colecções do “Marquez de Sousa” (nome por que era conhecido o Marquês de Sousa e Holstein) foram facultadas estatuetas romanas em bronze, vidros romanos, uma parte de um prato romano, em prata, um busto de homem em bronze encontrado nas minas de Odemira, e outros objectos mais recentes como uma cruz grega do século XI ou umas esporas do século XVIII.

então selecionados e levados para a capital francesa considerados representativos da *História do Trabalho* em Portugal. Entre os particulares que cederam espólios das suas colecções avulta o Rei D. Luís, o Duque de Cadaval, o Marquês de Pombal e muitos outros particulares. No capítulo das instituições são de registar, entre outras, o Arsenal da Marinha, a Câmara Municipal de Lisboa e a Academia Real das Ciências de Lisboa.

A multiplicidade de proveniências das peças selecionadas para a Exposição Universal revela alguns aspectos relativos à circulação de espólios de verdadeiro valor artístico e monetário, bem como a mobilização das instituições e personalidades suas detentoras, tendo como objectivo a organização de uma colecção nacional representativa das diversas vertentes das actividades desenvolvidas em Portugal, apresentadas numa perspectiva histórica. Facilmente se compreende a complexidade e a responsabilidade da organização de um tal projecto, dada a diversidade dos intervenientes, a importância material e imaterial das peças excepcionais e de valor inestimável que então foram transportadas para Paris, tendo ainda presentes as dificuldades logísticas e as responsabilidades administrativas e legais inerentes a tal concretização. Mas a responsabilidade cometida a Teixeira de Aragão justificava-se por constituir oportunidade única para Portugal figurar nos *palcos internacionais de ciência, tecnologia e cultura* que constituíam à época e a nível mundial as exposições universais (MATOS & DEMEULENAERE-DOUYÈRE, 2012). Num contexto de fortalecimento das identidades nacionais e de debate em torno da idade da humanidade, várias das nações representadas, incluindo Portugal, apresentaram neste evento os mais antigos vestígios de ocupação humana do seu território, inclusivamente pré-históricos. Uma representação da pré-história europeia foi precisamente apresentada

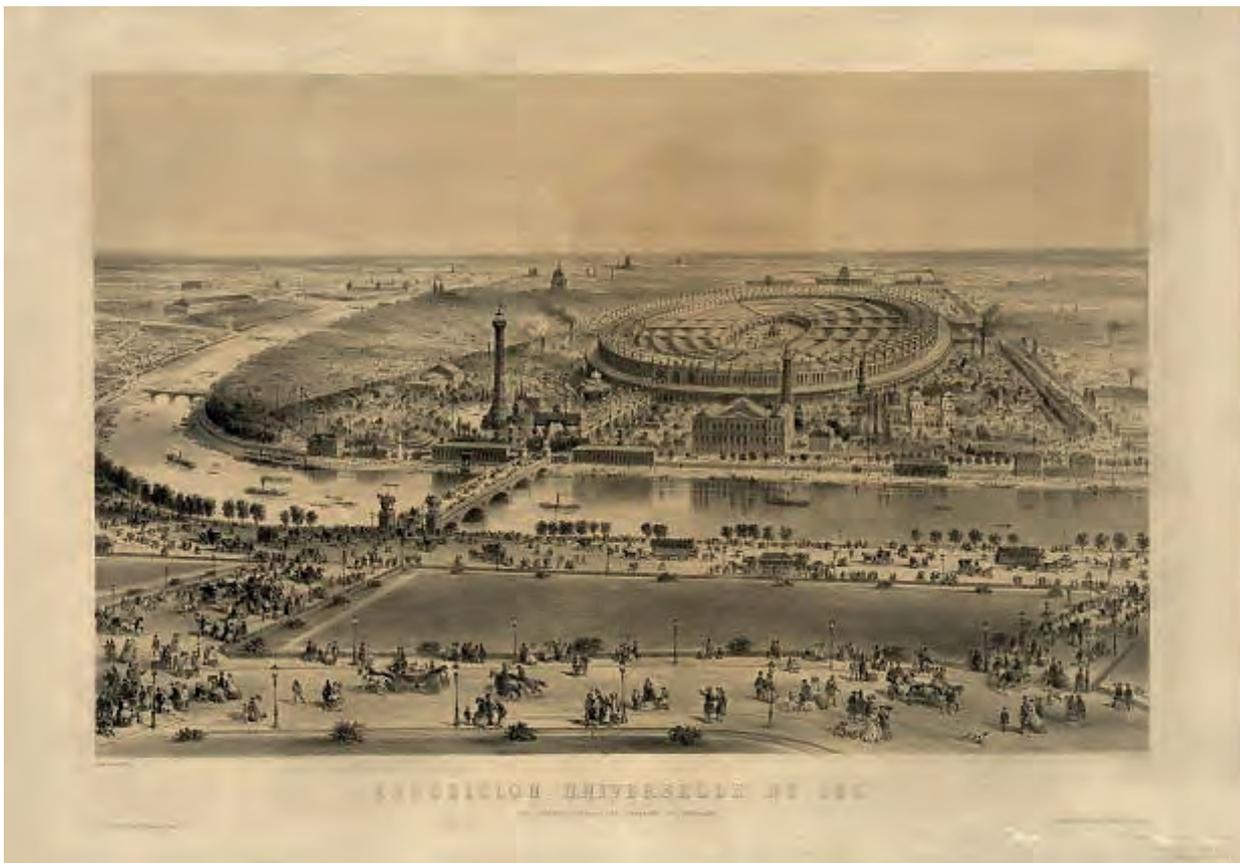


Fig. 3 – Vista aérea oficial da Exposição Universal de Paris de 1867 (imagem em domínio público, Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D C. <http://loc.gov/pictures/resource/pgs.02412/>).

na entrada da galeria dedicada à História do Trabalho (GRAN-AYMERICH, 2001, p. 17). Também Portugal não ficou arredado deste desígnio. Com efeito, coube a F. Pereira da Costa, então membro co-director da Comissão Geológica de Portugal apresentar alguns dos produtos que vinham sendo retirados da exploração das cavernas e de outras estações pré-históricas de ar livre do território português, desiderato que não chegou a concretizar-se, por desinteligências havidas no seio da referida comissão, que conduziu à dissolução da mesma (CARDOSO, 2019), conforme relata o próprio (COSTA, 1868, p. V): “Depois de ter feito a escolha e descrição dos objectos que deviam ser enviados à Exposição Universal de Paris, e depois de se acharem representados em estampas os mais importantes d’esses objectos, occorreram circunstancias pelas quaes, me foi impraticável a conclusão d’este trabalho, e apesar de todas as nossas diligencias, a industria dos tempos prehistoricos de Portugal deixou de ser representada na secção da historia do trabalho na exposição de 1867 em Paris”.

Porém, houve ainda tempo para serem impressas belas litografias de alguns de tais exemplares, entretanto publicadas (CARREIRA & CARDOSO, 1996) que bem evidencia a importância que havia sido dada ao evento (Fig. 5).

A Exposição Universal de 1867 desenrolou-se paralelamente à segunda sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-histórica, onde, ao contrário do verificado naquela, esteve representada uma colecção de objectos de origem portuguesa. Francisco António Pereira da Costa, de novo ele, tinha enviado com sucesso para a organização deste congresso duas caixas com moldes em gesso de ossos humanos e de diversos objectos pré-históricos: crânios e mandíbulas provenientes do cabeço da Arruda, placas de xisto decoradas provenientes de monumentos megalíticos de Leiria, Viana do Alentejo e Castelo de Vide, machados de pedra de Castelo de Vide e um machado de bronze encontrado em Alenquer (MORTILLET, 1868, p. 31-35). Pereira da Costa apresentou ainda ao Congresso uma comunicação sobre os monumentos dolménicos portugueses, que se relacionará com o conjunto de litografias então impressas, mas que jamais se chegaram a publicar (COSTA, 1868). Compreende-se assim que Teixeira de Aragão tenha tentado integrar a Galeria sobre a História do Trabalho na celebração deste Congresso Internacional, onde Portugal também estava representado, potenciando assim a visibilidade do seu trabalho.



Fig. 4 – Cabrinha de bronze, de características arcaicas, pertencente à colecção de D. Frei Manuel do Cenáculo, conservada no Museu de Évora, hoje designado Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, provavelmente o exemplar exposto em Paris em 1867 e inventariado no respectivo Catálogo com o n.º 47. Foto© de João Luís Cardoso.

O êxito da participação portuguesa na Exposição Universal de Paris de 1867, coordenada na parte respeitante à História do Trabalho por Teixeira de Aragão, missão de assinalável complexidade e responsabilidade, reforçou o seu prestígio, tendo vendido naquele mesmo ano de 1867 ao próprio rei D. Luís a sua colecção de moedas romanas para enriquecimento da “Colecção Archeologica d’Ajuda” (PEREIRA & RODRIGUES, 1904, p. 108-109), a qual foi objecto de um catálogo, elaborado pelo próprio ARAGÃO (ARAGÃO, 1870) (Fig. 6) no qual são descritas as 2622 exemplares vendidos naquela ocasião. Foi então que assumiu, por nomeação régia, o cargo de Conservador do Gabinete Real, com que se intitulava na sua correspondência (ver, por exemplo, a missiva enviada a 14 de Dezembro de 1869 ao numismata espanhol Alvaro Campaner y Fuertes (MATEU y LLOPIS, 1949, p. 117).

Para além da Numismática, os registos sobre a sua colecção devem-se essencialmente a Leite de Vasconcelos, que refere tratar-se de “um interessante museu, onde estavam representadas as épocas da nossa história e diferentes espécimes das nossas artes e industrias” (VASCONCELOS, 1904).

Essa colecção, no que se refere à Arqueologia, terá sido constituída com base em incessantes pesquisas junto das populações. O próprio Aragão registou as facilidades de localização de objectos arqueológicos pelos médicos, como ele próprio, que contactavam diariamente com as populações rurais: “O médico, pelo contacto com as classes rurais é, ordinariamente, a quem chega primeiro a notícia dos achados arqueológicos, que investiga, e muitas vezes os compra para si ou para os seus correspondentes.” (ARAGÃO, 1870, p. VIII). Terá sido esta posição privilegiada que contribuiu para a formação das suas colecções arqueológicas, de “artes e industrias”, para além da de numismática.

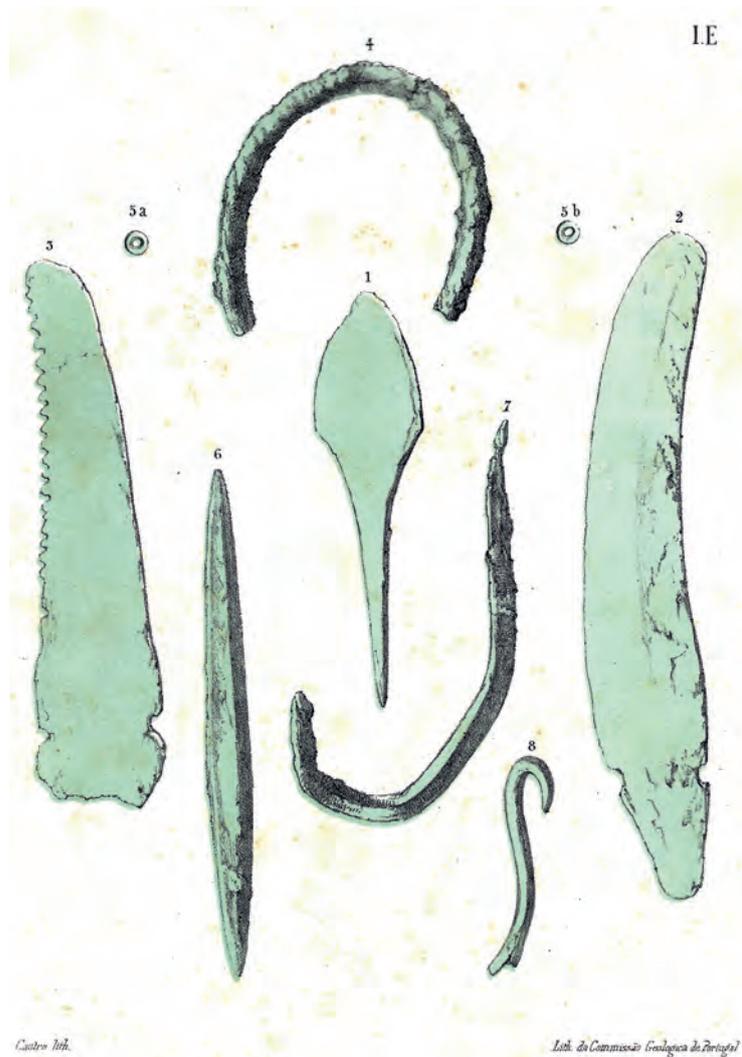


Fig. 5 – Litografia de objectos de cobre de estações pré-históricas portuguesas (povoado de Rotura, Setúbal e gruta da Casa da Moura, Óbidos) executada por determinação de F. A. Pereira da Costa pela Comissão Geológica de Portugal e destinada a um álbum a ser apresentado na Exposição Universal de Paris, de 1867, o que não se chegou a verificar (CARREIRA & CARDOSO, 1996).

*** **

O interesse de Teixeira de Aragão pelo coleccionismo de espólios arqueológicos remonta ao período em que residiu em Tavira, de 1853 a 1858. Foi nessa altura que fez transportar para o jardim do Hospital Militar o



Fig. 6 – Capa de brochura do catálogo das moedas romanas da Coleção do Rei D. Luís, realizado por Teixeira de Aragão e publicado em 1870. Arquivo© de João Luís Cardoso

monumento funerário dedicado a *Tatianós*. Trata-se de notável ara escrita em Grego, encontrada em 1856 na fazenda do Trindade, perto de Santa Luzia (Tavira), a qual foi descrita pela primeira vez por Estácio da Veiga, com base nas informações que lhe foram generosamente facultadas por E. Hübner (VEIGA, 1866, p. 24, nota 1) e por aquele representada (Fig. 7). Teixeira de Aragão ofereceu este raro monumento epigráfico em 1857 a Estácio da Veiga, encontrando-se o mesmo presentemente depositado no Museu Nacional de Arqueologia (Fig. 8). A salvaguarda desta inscrição deve-se, assim, à intervenção de Teixeira de Aragão, tal como a de uma coluna e de duas lápides com inscrições que encontrara em propriedades próximas. Ali obteria ainda várias moedas romanas de bronze e ser-lhe-iam oferecidos pelo proprietário da Quinta das Antas, João Luiz de Mendonça e Mello, objectos de barro, vidro, recolhidos durante os trabalhos agrícolas, para além de moedas romanas. Aragão viria a ser convidado, em 1858, para assistir à escavação de uma necrópole romana nos terrenos daquela quinta, junto à encosta do rio,

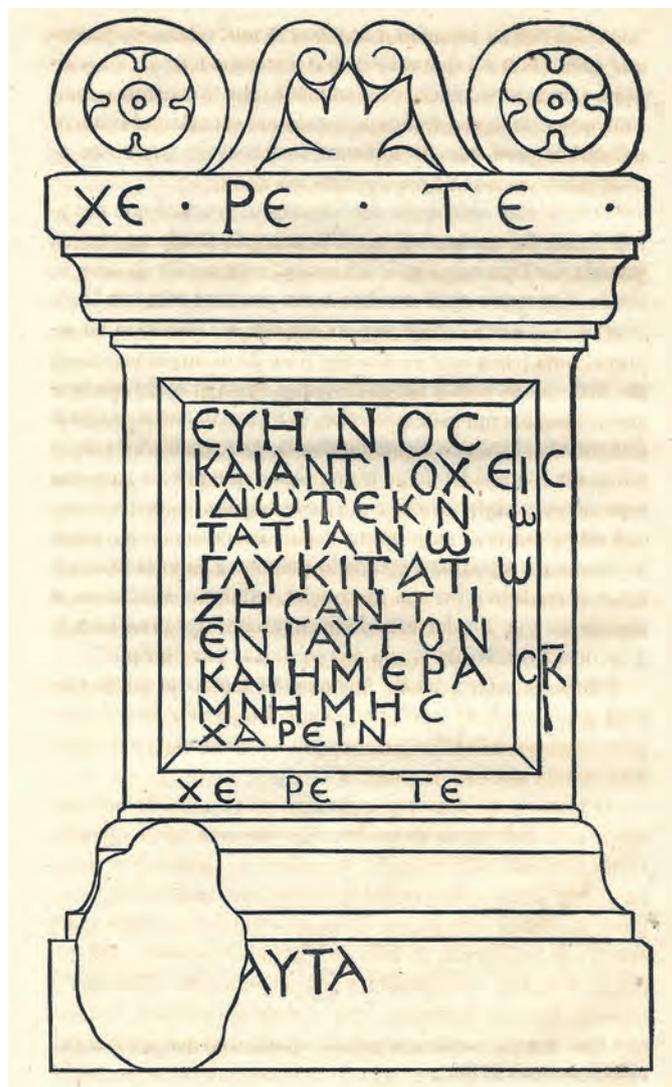


Fig. 7 – Ara de *Tatianós*, em gravura publicada por Estácio da Veiga (VEIGA, 1866, p. 26). Recolhida em 1856 na Fazenda do Trindade (sítio de Santa Luzia, Tavira) por Teixeira de Aragão que a transportou para o jardim do Hospital Militar de Tavira. Foi pouco depois oferecida pelo próprio a Estácio da Veiga (VEIGA, 1866; ARAGÃO, 1868) e por este incorporada nas colecções que pertenceram ao *Museu Archeologico do Algarve*. Em 1894 foi integrada, juntamente com o restante espólio dessa mesma colecção que se conservava na residência algarvia de Estácio da Veiga no actual Museu Nacional de Arqueologia. Arquivo© de João Luís Cardoso.

a qual providenciou considerável aumento da sua colecção numismática. Junto a esta quinta refere o próprio Aragão ter conseguido obter grande quantidade de moedas que designou como grandes bronzes de Augusto, de Cláudio I, de Trajano, de Plotina, de Marco Aurélio, de Faustina Júnior, de Julia Domna, de Julia Mamaea, de Gordiano, de Herennia Etruscilla, de Maximiniano; e os medianos e pequenos bronzes de Constantino Magno, de Crispo, de Quintillo, de Constante, etc. estes em admirável estado de conservação (ARAGÃO, 1868, p. 11).

Sendo o seu interesse pelas antiguidades localmente conhecido, foi convidado pelo proprietário Sebastião Fernandes Estácio da Veiga, da quinta contígua à referida quinta da Antas, a quinta da Torre de Ares, para conhecer os objectos de época romana ali recolhidos nessa propriedade, entre eles as lápides que suscitariam a publicação pelo seu familiar de Sebastião Phillippes Martins Estácio da Veiga (1828-1891), na já mencionada monografia *Povos Balsenses* (VEIGA, 1866), cuja tese sobre a localização da cidade romana de Balsa, Teixeira de Aragão viria a corroborar (ARAGÃO, 1868).

Nos terrenos da quinta das Antas, confinantes com a quinta de Torre d’Ares obteve Aragão alguns exemplares de real importância: é o caso de uma *statera* e de um *speculum* (Fig. 9) publicados muito mais tarde pelo próprio, mantendo-os na sua posse (ARAGÃO, 1896, p. 56), constituindo-se o intermediário na oferta de materiais de construção romanos para o museu da Academia Real de Belas Artes de Lisboa, sendo entregues pelo próprio ao vice-inspector da Academia, o Marquês de Sousa Holstein (1838-1878) (ARAGÃO, 1868, p. 10; XAVIER, 2014).

Durante o seu destacamento no Algarve, entre 1853 e 1858, Aragão procedeu também ao exame das ruínas de Estoi, então associadas à cidade romana de Ossónoba¹³ (ARAGÃO, 1868, p. 11). Aragão divulgou também a informação de que neste local e em Loulé Velho, onde as ruínas existentes apontavam para a existência de edifícios termas, apareciam com frequência “tesseras em chumbo” (ARAGÃO, 1868, p. 11)¹⁴. Este interesse pelas antiguidades conduziu-o também a identificar, na construção das muralhas de

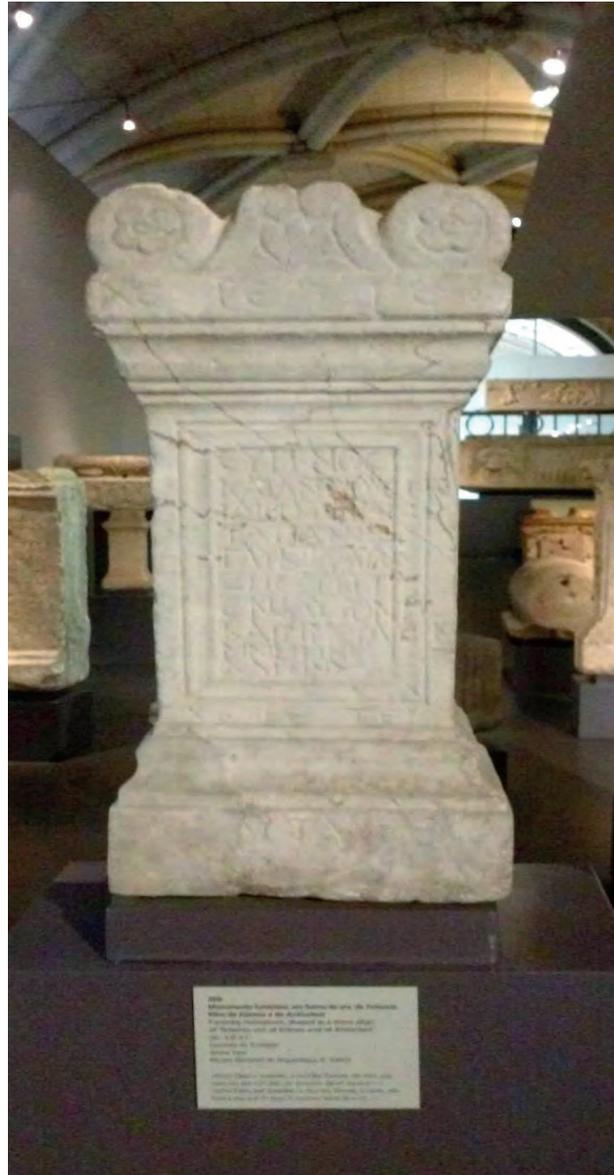


Fig. 8 – Ara de Tatianós na exposição *Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa* (MNA, Lisboa, 2002).

¹³ Precursora da cidade de Faro.

¹⁴ Aragão é actualmente referenciado pela historiografia como o descobridor do edifício termal de Loulé Velho em 1868 (OLIVEIRA, 2010, p. 241).

Itinerario de Antonino, que diz achar-se Balsa a cinco leguas de *Aesuri* (Ayamonte ou Castro Marim) e a quatro de *Ossonoba* (Faro), distancias que existem hoje muito aproximadamente entre a Torre de Ares e Ayamonte ou Castro Marim, e a capital do Algarve.

Entre os varios objectos que reunimos durante a nossa residencia na cidade de Tavira, figura a *statera*, vulgarmente chamada «balança romana», encontrada na Torre de Ares e copiada na gravura junta. É de cobre; compõe-se de uma haste de 0^m,19 de comprido; de cada lado tem duas superficies, divididas por espaços iguaes com riscos verticaes (*puncta*). Numa das faces apresenta, de cinco em cinco riscos, um maior e mais fundo. Na outra face tambem tem marcação, um pouco apagada, sendo os riscos distanciados entre si um centimetro; no meio tem outro risco mais curto, e intercalados um V e um X. No extremo



da haste estão em sentido inverso duas argolas lisas, presas em eixos, as quaes seguram dois ganchos: o mais central e mais fechado servia para se suspender; no outro do extremo da haste, que ficava voltado para baixo, era onde se pendurava o objecto que se queria pesar. No comprimento da haste, marcada com a escala dos riscos, collocava-se o *aequipondium*, que designava o equivalente do peso.

Nos museus existem variados especimes de balanças romanas, algumas com primoroso trabalho artistico; o exemplar que acabamos de descrever é dos mais simples que conhecemos, mas obedece ao mesmo systema mechanic.

2. Speculum

A estampa n.º 2 representa um espelho (*speculum*), encontrado nos terrenos das Antas, que confinam com a propriedade da Torre de Ares. É de metal branco, composto de uma liga de cobre e estanho

polido; uma das faces da parte circular é lisa e ligeiramente convexa, na orla tem como ornato uma serie de furos a distancias regulares, e no bordo prende-se um cabo (*capulus*) com o comprimento de 0^m,125 para o segurar. Na face posterior, como se vê no desenho, represen-



tou-se como ornamentação uma serie de circulos concentricos. O diametro é de 0^m,16.

Esta peça foi encontrada inteira, bem como outra analoga, embora menor e mais simples; mas os trabalhadores, que as descobriram, despedaçaram-nas para verificarem se seria de prata.

A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO.

Fig. 9 – Balança e espelho, romanos, obtidos por Teixeira de Aragão, o primeiro na quinta da Torre d’Ares, o segundo nos terrenos da quinta das Antas, confinantes com a primeira. Incorporaram as colecções de Teixeira de Aragão no período em que residiu em Tavira (1853-1858) e foram adquiridos em Janeiro de 1901 pelo Museu Nacional de Arqueologia (seg. ARAGÃO, 1896, p. 56, 57). Foto de João Luis Cardoso.

Faro, a reutilização de muitas pedras trabalhadas, como cipos, lápides sepulcrais, colunas, capitéis, e fragmentos de mármore (ARAGÃO, 1868, p. 12)¹⁵.

Em 1868 foi nomeado pelo Ministro do Reino para estudar o cemitério romano que surgira na Quinta do Arroio, em Tavira (Algarve). As investigações, iniciadas no dia 16 de Agosto desse ano, decorreram até ao final do mesmo mês. Durante este período procedeu a escavações, identificou estruturas e objectos e registou as características e os contextos das descobertas no relatório que apresentou ao referido Ministro. Este documento, publicado pela Imprensa Nacional (ARAGÃO, 1868) e difundido no *Diário de Lisboa* de 14 de Novembro de 1868, divulgou a formação de uma colecção arqueológica formada pelo proprietário da Quinta do Arroio, Francisco Simão da Cunha, composta por mais de 100 objectos¹⁶ de barro, vidro, âmbar, marfim, mármore, ferro, cobre, estanho e ouro.

¹⁵ São as publicações do próprio Aragão que registam estas investigações e este interesse efectivo pelas antiguidades, moedas e outros materiais arqueológicos. Também os quatro volumes sobre as *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (VEIGA, 1886-1891) possuem diversas informações sobre a sua colecção de materiais arqueológicos pré-históricos.

¹⁶ Objectos que integraram a colecção particular do proprietário Francisco Simão da Cunha.

QUADRO 1 – Coleção de objectos arqueológicos encontrados na Quinta do Arroio (ARAGÃO, 1868); Teixeira de Aragão efectuou o seu estudo, por nomeação do Ministro do Reino, entre 16 e 31 de Agosto de 1868.

Colecção de objectos arqueológicos estudados e divulgados por Teixeira de Aragão em 1868.	Materiais
3 ânforas Grande número de tijolos de barro vermelho Alguns telhões 15 Urnas de barro (<i>olla ossuaria</i> ou cineraria) 9 Lucernas	Barro
9 Vasos de gargalo alongado (base 7 cm) 2 Vasos de gargalo alongado (base 11 cm) 1 Vaso de gargalo muito longo (22 cm) 1 Vaso (16 cm) Fragmentos de vidro verde (urnas funerárias) Fragmentos de vidro branco 4 Vasos uniformes	Vidro
1 Golfinho	Âmbar
1 Colher 2 Pranchas (5,4 cm x 4,4cm) 3 Alfinetes de cabelo	Marfim
Lápide	Mármore
2 Argolas de fio de ouro, brincos	Ouro
1 Cutelo de sacrificios Grande quantidade de pregos de ferro	Ferro
1 Gonzo de cobre 1 Colher 8 Asteas 26 Moedas	Cobre
1 Espelho	Cobre e estanho

O documento regista as conclusões a que chegara e o seu desejo de contribuir para o progresso dos estudos arqueológicos, tendo presente a necessidade de desenvolver a instrução sobre arqueologia no território nacional. Assim, por forma a “tolher as devastações e fazer respeitar esses fragmentos da arte antiga” o autor defendia a necessidade de publicação de “livros elementares leccionados na instrução secundária dos lyceus e seminários” e a promoção e a “criação de museus” (ARAGÃO, 1868, p. 4). Verifica-se que estes desideratos não foram completamente esquecidos na época, pois anos depois foram seguidos, exactamente nos mesmo moldes, por Estácio da Veiga que, como se sabe, não foi bem sucedido (CARDOSO, 2007).

No mesmo ano de 1868, Teixeira de Aragão foi uma das personalidades que projectou a criação do *Real Instituto Archeologico de Portugal*. As reuniões, que juntaram várias personalidades portuguesas e que ocorreram na Academia Real de Belas Artes de Lisboa visavam criar uma “sociedade destinada ao estudo das Antiguidades com especial applicação à Historia”. Os estatutos foram aprovados e publicados em 1869 mas, por circunstâncias por ora mal esclarecidas, este instituto não chegou a desenvolver trabalho (ARAGÃO, 1874).

Em 1876 foi solicitado pela Academia Real de Belas Artes de Lisboa a Teixeira de Aragão que examinasse, conjuntamente com Estácio da Veiga, espólios da Idade do Ferro que surgiram numa propriedade em Alcácer

do Sal, no âmbito da sua aquisição pelo valor de 3000 réis a António Faria Gentil e a sua mulher (VEIGA, 1891, p. 266). Recorde-se que Estácio da Veiga tinha sido incumbido pelo Governo, por proposta do Marquês de Sousa Holstein, Inspector daquela Academia, de investigar as antiguidades que apareceram perto de Mértola, depois das cheias do Guadiana do inverno de 1875/1876 (CARDOSO, 2007), pelo que fazia todo o sentido que fosse chamado também a prestar o seu concurso a esta descoberta, até por ser pessoa próxima de Teixeira de Aragão. Os espólios em causa, de assinalável interesse patrimonial e científico, incluindo diversos vasos gregos de origem ática, do século IV a.C. (Fig. 10) foram adquiridos pelo Estado, encontrando-se presentemente depositados no Museu Nacional de Arqueologia. Possidónio da Silva dedicou a estes materiais duas pequenas notícias, (SILVA, 1875, 1887), ambas ilustradas de belas reproduções dos espólios a que teve acesso, declarando, a propósito, em 1887, que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeoloos Portuguezes pretendia adquiri-los, “porém, outra offerta mais elevada por outra pessoa frustrou a aquisição” (SILVA, 1887, p. 92). Sabe-se agora que foi justamente a Academia Real das bellas Artes, por intervenção dos dois especialistas mencionados.



Fig. 10 – Reprodução da cena mitológica principal existente no Krater ático recolhido em Alcácer do Sal cerca de 1875 (seg. SILVA, 1875, Est. 10). Arquivo e foto© de João Luís Cardoso.

Também em 1876 Teixeira de Aragão foi chamado a participar na Conferência da Citânia, organizada por Francisco Martins Sarmiento (1833-1899) para ouvir a opinião de várias personalidades portuguesas acerca dos resultados das escavações arqueológicas realizadas pelo próprio desde 1874 nas ruínas da Citânia de Briteiros, Guimarães (LEMOS, 1995; CALDAS, 1996) (Fig. 11). Aragão participou nesta reunião, adiada para Junho de 1877, juntamente com Augusto Soromenho, o Marquês de Sousa Holstein – com os quais discutira a mencionada criação do *Real Instituto Archeologico de Portugal* – para além do principal dinamizador da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses, Possidónio da Silva (1806-1896), do secretário da Sociedade de Geografia de Lisboa, Luciano Cordeiro (1844-1900) e de Augusto Filipe Simões (1835-1884), o reorganizador do Museu do Cenáculo e fundador do museu do Instituto de Coimbra (LEMOS, 1995: 120). A estes, juntou-se ainda o Director da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal, Joaquim Nery Delgado (1833-1908), conforme foi possível apurar por um de nós (J.L.C.) com base em documentação da época que se encontra em estudo pelo próprio.

O original manuscrito do contributo então produzido por Teixeira de Aragão encontra-se arquivado no seu Processo Académico da Academia das Ciências de Lisboa (Fig. 12), em cujas Memórias se previa fosse publicado, logo após a realização da Conferência, o que viria a verificar-se, mas dez volvidos, e não nas Memórias da Academia, mas na *Revista Archeologica e Historica* (ARAGÃO, 1887). Este artigo é um dos textos mais interessantes sobre arqueologia que se conhecem do autor. Singelamente intitulado *Citania* aliás em consonância com outros artigos sobre o mesmo tema publicados na época, nele se caracterizam os principais objectos ali recolhidos, com destaque para as moedas, declarando que duas tarefas se impunham, a saber: 1) o levantamento da planta da vasta área escavada; 2) a elaboração de uma carta com a distribuição das ocorrências conhecidas e comparáveis, incluindo também a rede viária que articularia todas aquelas ocorrências. Além deste artigo sobre a Citânia de Briteiros, do já mencionado *Relatório sobre o cemitério romano descoberto próximo da cidade de Tavira em Maio de 1868* (ARAGÃO, 1868), e do artigo dedicado às antiguidades romanas de Balsa (ARAGÃO, 1896), publicou um folheto intitulado *Anéis* (ARAGÃO, 1887) (Fig. 13) onde dá a conhecer a sua colecção, entre os quais alguns exemplares dos séculos XV e XVI de assinalável interesse histórico, substanciado na confrontação com a descrição de documentos coevos; na verdade, trata-se de trabalho de pendor histórico, no qual o autor elabora uma resenha do uso de anéis, desde a época pré-clássica, faltando-lhe apenas as informações acerca das produções pré-históricas, completamente omissas, por serem então quase desconhecidas em Portugal. O espírito do colecionador encontra-se, por outro lado, claramente

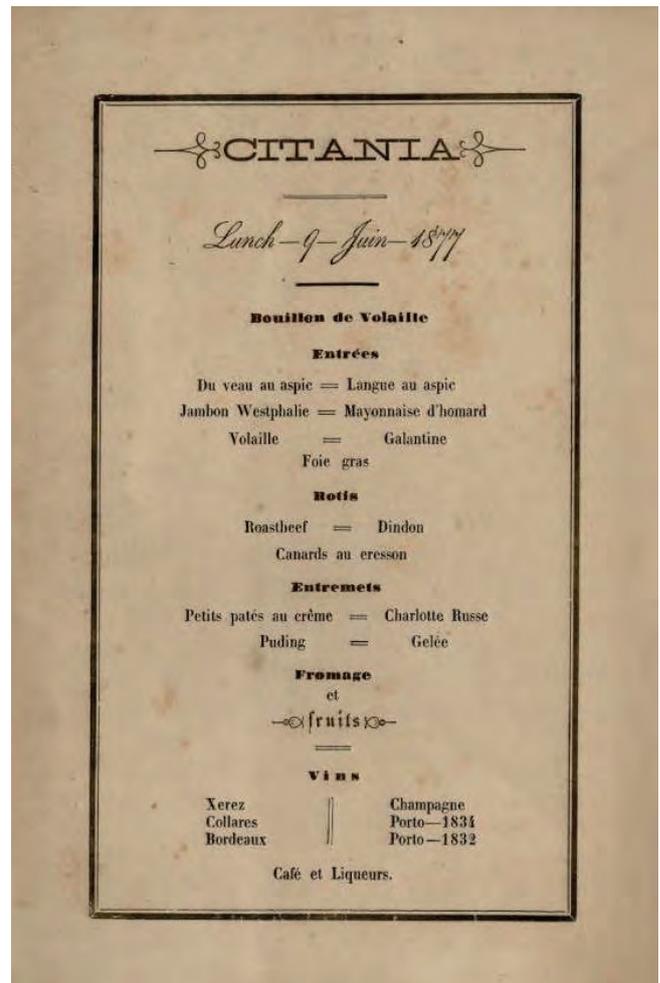


Fig. 11 – Ementa do almoço de 9 de Junho de 1877 servido aos participantes na reunião da Citânia, organizada por F. Martins Sarmiento (arquivo Histórico do LNEG, por cortesia de Ana Carneiro).

Notas sobre as ruínas encontradas,
 no sítio Monte da Freixoia & S. Estevão
 de Britos (Citânia?).

Também a honra de ~~ter~~ hoje parte desta com-
 ferença, posto que sem pretensões a archeologo, mas em cum-
 primto de um dever de gratidão para com o illustrado explora-
 dor das ruínas da Citânia. É também para corresponder
 aos legos do mesmo cavalheiro, que pedi a publicação e do-
 genção. Não é, breve, como rapida foi a investigação, as
 impressões recetidas das interessantes ruínas e dos objectos
 allí encontrados. O assumpto não devia ser encetado por
 quem em tão pouco vale, achando-se presentes individuos
 de subido merito e mais competentes para reconstruir
 com os fragmentos da industria humana a historia
 das gerações que allí se succederam. Ellas a falta de sci-
 ença é supprida pelo amor que professo aos estudos archeo-
 logicos.

A historia das invasões dos differentes povos antigos
 na Hespanha até aos primeiros seculos da era Christian acha-
 -se bastante confusa; e a noticia, dada por alguns scriptores,
 das cidades que floresceram em taes epochas no territorio por-
 tuguês, tem muitas vezes por base a tradição, que não re-
 siste a uma critica rudimentar.

Nos países mais avançados as tradições são sempre to-
 das em lugar mui secundario, procurando-se firmar a
 opinião em documentos authenticos, sendo considerados
 dos mais positivos os fornecidos pela numismatica e pe-
 la epigraphia, o que tem feito subir estes ramos da es-
 tigmatissima sciencia archeologica a maxima importancia his-
 torica.

Os geographos antigos são quasi todos unanimes em
 dizer que a Hespanha fôra habitada por duas raças distin-
 ctas, a dos celtas e a dos itevos, formando diversas tribus que se

Fig. 12 - Primeira página do manuscrito autógrafo de A. C. Teixeira de Aragão sobre a Citânia, destinado a publicação nas Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, conforme aprovação datada de 9 de Maio de 1878, antes de um ano volvido sobre a célebre reunião científica (Processo Individual Teixeira de Aragão, Academia das Ciências de Lisboa). Foto de João Luís Cardoso.

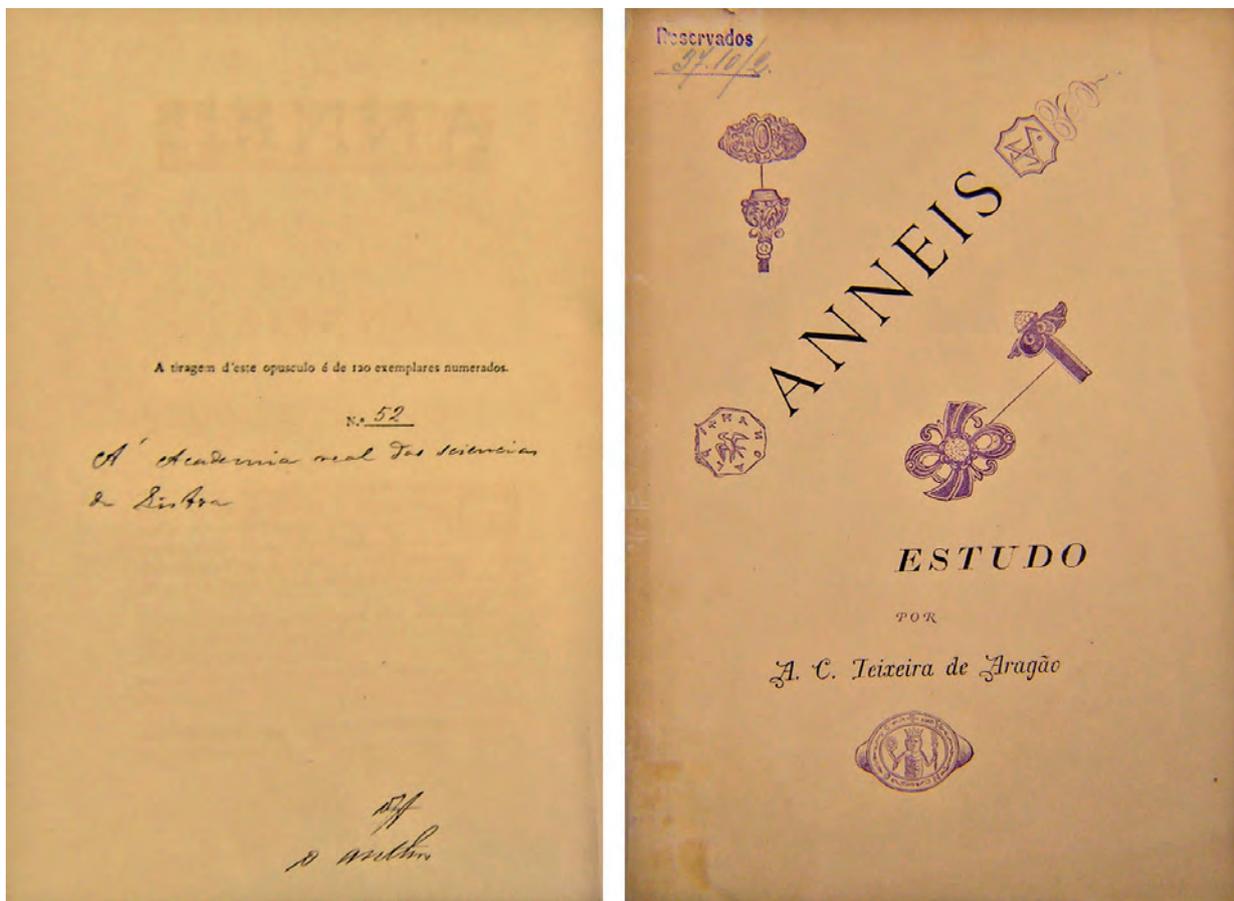


Fig. 13 – Capa da brochura da obra “Anneis”, exemplar oferecido com dedicatória à Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (Processo Individual Teixeira de Aragão, Academia das Ciências de Lisboa). Foto de João Luís Cardoso.

assumido, pois, como declara, só no que respeita ao período entre o reinado de D. João V e o início do século XIX, possuía cerca de 200 exemplares...

O coleccionador procurava valorizar assim as suas próprias peças, publicando-as e interpretando-as com base na informação documental reunida; se essa realidade se encontra bem expressa no interessante estudo dedicado aos anéis, Aragão publicou, mais tarde, dois objectos da sua colecção arqueológica na então recente revista *O Archeologo Português*, em artigo intitulado “Antiguidades romanas de Balsa” (ARAGÃO, 1896): trata-se da já mencionada balança e do espelho que obtivera na quinta das Antas (Tavira), onde existiu a antiga cidade de Balsa, peças que foram incorporadas por compra no Museu Etnológico Português, em Janeiro de 1901, como adiante se verá.

*** **

A disponibilidade para dar a conhecer ou facultar a terceiros o estudo dos objectos das suas colecções foi aproveitada por personalidades como Estácio da Veiga ou José Leite de Vasconcelos. Estácio da Veiga avançou, por exemplo, a hipótese das minas de Aljustrel terem conhecido uma exploração pré-histórica, com base no conhecimento da existência de uma *frecha de cobre*, dali proveniente, nas colecções de Teixeira de Aragão (VEIGA, 1889, p. 21). O mesmo arqueólogo fez também referência à existência de “um excelente polidor de serpentina” (VEIGA, 1886, p. 171) e de “um brunidor de serpentina” (Veiga, 1887, p. 395) que pertenciam igualmente às colecções de Aragão. O conhecimento da existência destes materiais por parte de Estácio da Veiga permitiu-lhe apresentar elementos relativos à ocupação pré-histórica num local onde só era conhecida

a presença romana e comprovar, no *Museu Archeologico do Algarve* a sua existência através de moldes em gesso então realizados (VEIGA, 1887, p. 395). Aragão, numa postura que importa destacar pela excepcionalidade, autorizou a análise química dos objectos pré-históricos das suas colecções e a sua reprodução (VEIGA, 1886-1891). Foi o caso do *estoque* que Aragão adquiriu na cidade de Beja e que Estácio da Veiga pôde apresentar como um exemplo dos *estoques* em bronze do Alentejo (VEIGA, 1891, p. 208)¹⁷.

Também a José Leite de Vasconcelos interessava divulgar os vários objectos de barro romanos, lucernas e asas de ânfora do Algarve de Teixeira de Aragão, alguns deles com as designadas “marcas figulinas” (recipientes de *terra sigillata*). Fê-lo num artigo publicado n’ *O Archeologo Português* (VASCONCELOS, 1900 a, p. 143), revista onde também divulgou uma “Carranca de bronze romana” que Aragão obteve no Algarve (VASCONCELOS, 1900 b, p. 281). Trata-se na verdade de uma asa de sítula como o próprio autor declara, que se conserva presentemente no Museu Nacional de Arqueologia.

Em suma, os objectos da colecção de Teixeira de Aragão, alguns deles publicados por Estácio da Veiga ou por José Leite de Vasconcelos, permitiram acrescentar informações importantes aos estudos arqueológicos da época. Por outro lado, os investigadores mencionados, organizadores de colecções oficiais, ambicionavam poder enriquecer os seus espólios com materiais importantes, como os pertencentes a Teixeira de Aragão. Estácio da Veiga desejava poder incorporar os materiais que pudessem enriquecer o seu *Museu Archeologico do Algarve* e José Leite de Vasconcelos, enquanto responsável por um museu do Estado que pretendia representar a Nação, ambicionava incorporar objectos de todo o território português, o que de facto também aconteceu. As colecções particulares existentes em Portugal, como a de Teixeira de Aragão, constituíam por isso recursos importantes para tais propósitos.

Esta realidade encontra-se evidenciada no respeitante ao contributo mais importante de Teixeira de Aragão para o conhecimento histórico do seu País. Trata-se da sua actividade como numismata, já anteriormente expressa pelas duas obras já referidas (ARAGÃO, 1867, 1880). Em 1875, 1877 e 1880 são publicados os três volumes da sua obra magistral e que ainda hoje continua a ser de consulta obrigatória, a *Descrição geral e historica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal* (ARAGÃO 1875, 1877, 1880) (Fig. 14), que revela bem a



Fig. 14 – Capa do 1.º volume (1875) da obra que celebrou definitivamente Teixeira de Aragão, dedicada ao inventário da numismática portuguesa, e que lhe proporcionou a sua eleição directa como Sócio efectivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1876. Arquivo e foto© de João Luís Cardoso.

¹⁷ Veja-se a estampa XXV com a representação de vários “estoques” em bronze conhecidos no Alentejo. O objecto representado com o n.º 9 pertencia às colecções de Augusto Carlos Teixeira de Aragão (VEIGA, 1891, p. 208). Trata-se na verdade de um artefacto presentemente designado por “espeto”, utilizado nos banquetes de carácter ritual das populações da 1.ª Idade do Ferro do sul de Portugal.

profundidade e a amplitude dos seus conhecimentos, conjugando de forma articulada as informações de que careciam, tanto os colecionadores, como aos historiadores, o que explica o sucesso da obra e a sua longevidade até o tempo presente, como documento que permaneceu útil. Com efeito, a projecção granjeada por Aragão neste domínio encontra-se comprovada pela correspondência por ele mantida com ilustres numismatas, encontrando-se contudo apenas publicada a enviada ao numismata espanhol Alvaro Campaner y Fuertes (MATEU y LLOPIS, 1949).

Foi esta obra, da qual então se encontrava apenas publicado o primeiro volume e impresso o segundo volume, que contribuiu decisivamente para a eleição de Aragão directamente para Sócio efectivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, a 28 de Novembro de 1876, na sequência de candidatura aberta para a Secção de História e Arqueologia, a que foi o único concorrente. A proposta, redigida por Silva Túlio, destaca justamente o seu valor tendo sido aprovada por unanimidade dos restantes elementos do júri, que, para além de Silva Túlio, como Presidente, integrava Vilhena Barbosa, Teixeira de Vasconcelos, L. Garrido e Bulhão Pato (Processo Individual, Arquivo Histórico da Academia das Ciências de Lisboa) (Fig. 15).

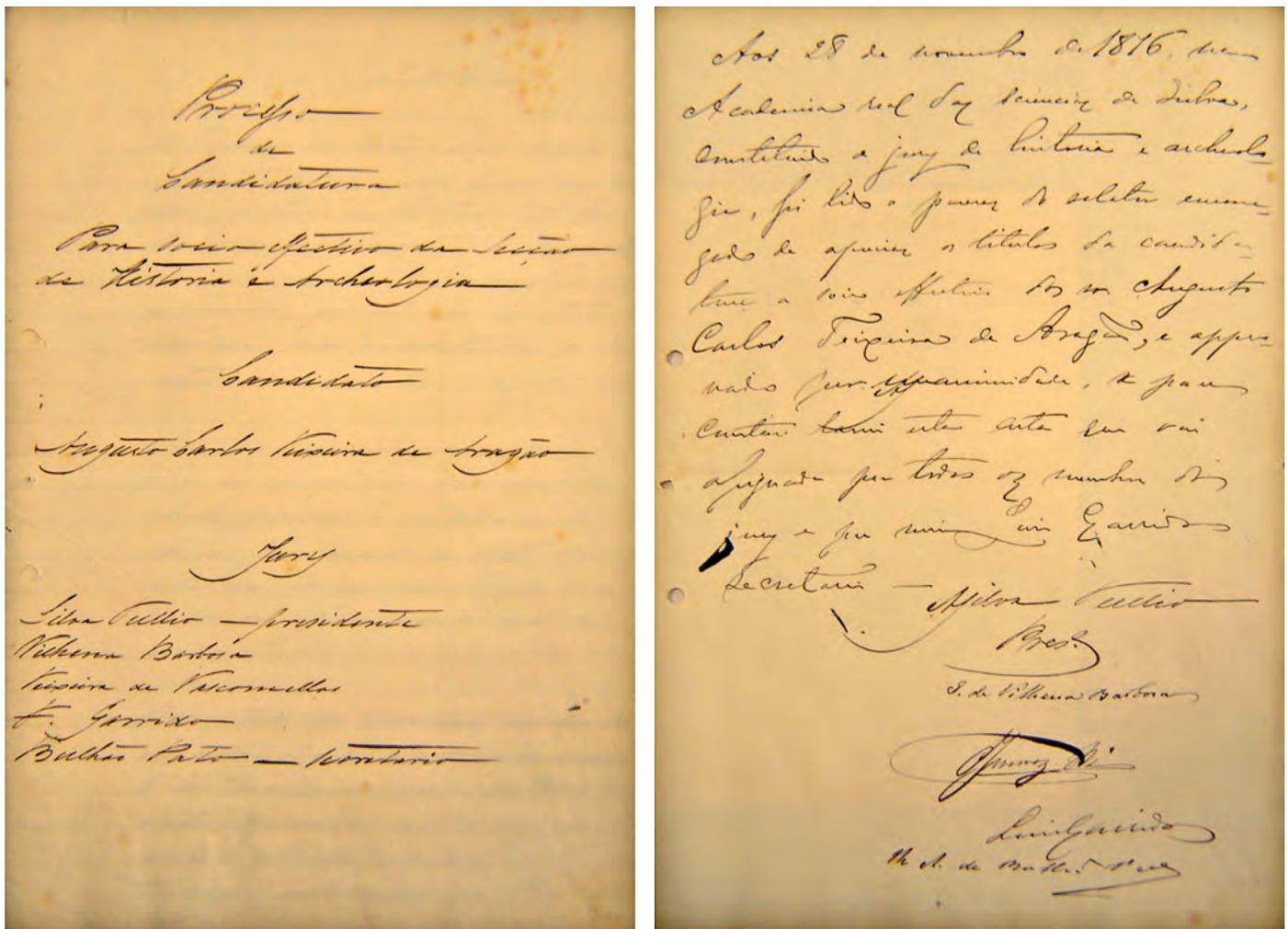


Fig. 15 - Primeira página do Processo de candidatura e acta final da sua eleição como Sócio efectivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, de 26 de Novembro de 1876 (Processo Individual Teixeira de Aragão, Academia das Ciências de Lisboa). Foto de João Luís Cardoso.

4 - UTILIZAÇÃO CIENTÍFICA E SUBSEQUENTE DISPERSÃO DAS COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS DE TEIXEIRA DE ARAGÃO

A residência de Teixeira de Aragão “era um verdadeiro museu de trajes e costumes de muitos povos do mundo e de objectos arqueológicos e artísticos”, registou-se na nota necrológica publicada em 1903 na revista *Occidente* (n/a 1903, p. 126). Se os catálogos dos leiloeiros e os registos de inventário dos museus permitem reconstituir essas colecções de arte, mobiliário antigo, vestuário, armas e livros, em relação à colecção arqueológica em questão é necessário recorrer a uma diversidade de fontes para construir uma imagem dos objectos que a constituíam.

A obra de Estácio da Veiga *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, publicada entre 1886 e 1891 fornece informação no que respeita ao conjunto de objetos pré- e proto-históricos da colecção em apreço.

QUADRO 2 – Colecção de objectos pré-históricos de Augusto Carlos Teixeira de Aragão com base nas referências de Estácio da Veiga nos quatro volumes da obra *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (1886, 1887, 1889, 1891).

Objectos da colecção pré-histórica de Teixeira de Aragão ¹⁸	Proveniência	Referência
Adaga em cobre	Quinta das Antas (Tavira)	Veiga, 1891, p. 108
Adaga em cobre	Quinta das Antas (Tavira)	Veiga, 1891, p. 108
Algumas frechas de cobre	Aljustrel	Veiga, 1891, p. 144
Brunidor de serpentina	Quinta das Antas (Tavira)	Veiga, 1887, p. 395
“Estoque”	Fazenda perto de Beja	Veiga, 1891, p. 208
Frecha de cobre	Mina de Algares	Veiga, 1889, p. 127
Frecha de cobre	Aljustrel	Veiga, 1889, p. 21
Instrumentos metálicos (não especificados)	Paderne	Veiga, 1889, p. 59
Lança de alvado em bronze	Évora? (adquirida em Évora)	Veiga, 1891, p. 216
Machado de bronze	Paderne	Veiga, 1891, p. 189
Machado de bronze	Paderne	Veiga, 1891, p. 189
Machado plano de bronze	Évora? (adquirido em Évora)	Veiga, 1891, p. 216
Placa de xisto	Anta da Cabeça, Herdade do Baldio (C. de Vide)	Veiga, 1887, p. 437
Placa de xisto	Anta da Cabeça, Herdade do Baldio (C. de Vide)	Veiga, 1887, p. 437
Placa de xisto em forma de cajado	Anta da Cabeça, Herdade do Baldio (C. de Vide)	Veiga, 1887, p. 437
Polidor de serpentina	Quinta das Antas (Tavira)	Veiga, 1886, p. 171
Polidor de serpentina em forma de machado	Quinta das Antas (Tavira)	Veiga, 1886, p. 158
Urna em cerâmica	Anta da Cabeça, Herdade do Baldio (C. de Vide)	Veiga, 1887, p. 438

¹⁸ Utilizaram-se as designações de Estácio da Veiga.

Estes objectos provinham de várias localidades algarvias, e do Baixo e Alto Alentejo, como Beja, Aljustrel e Castelo de Vide, correspondendo a colheitas do próprio, a aquisições realizadas a residentes ou trabalhadores locais, ou ainda oferecidos por terceiros, que integravam a rede de conhecimentos de Aragão, como o Marquês das Minas¹⁹ que ofereceu a Teixeira de Aragão várias placas de xisto gravadas provenientes da Anta da Cabeça, Herdade do Baldio, perto de Castelo de Vide (VEIGA, 1887, p. 437).

Por outro lado, o inventário online do Museu Nacional de Arqueologia permite identificar no seu acervo cerca de 50 objetos pertencentes à colecção de Teixeira de Aragão, maioritariamente romanos, alguns medievais, outros de contextos islâmicos e ainda de época pré-histórica²⁰. Uma parte deste conjunto integra-se na colecção de Estácio da Veiga e do *Museu Archeologico do Algarve*, a quem Aragão ofereceu tais objectos, com destaque para a ara funerária escrita em Grego, acima referida. Os restantes objectos foram vendidos por intervenção de José Leite de Vasconcelos ao Museu Etnológico Português, pela viúva de Estácio da Veiga, por um conto de reis (L.C.C., 2004; CARDOSO, 2006, p. 28). A colaboração de Aragão com Leite de Vasconcelos está documentada desde 1889, remontando a época anterior à fundação do Museu que viria a ser por este dirigido. Com efeito, foi nesse ano que Aragão depositou na Biblioteca Nacional, então dirigida por Gabriel Pereira e onde Leite de Vasconcelos era funcionário superior, um “animal votivo. Talvez em honra de Marte (i.é, do Marte lusitano)” conforme a informação registada num verbete manuscrito²¹ preservado no arquivo histórico do Museu Nacional de Arqueologia (Fig. 16). O objecto em causa, encontrado em Viseu terá sido depositado

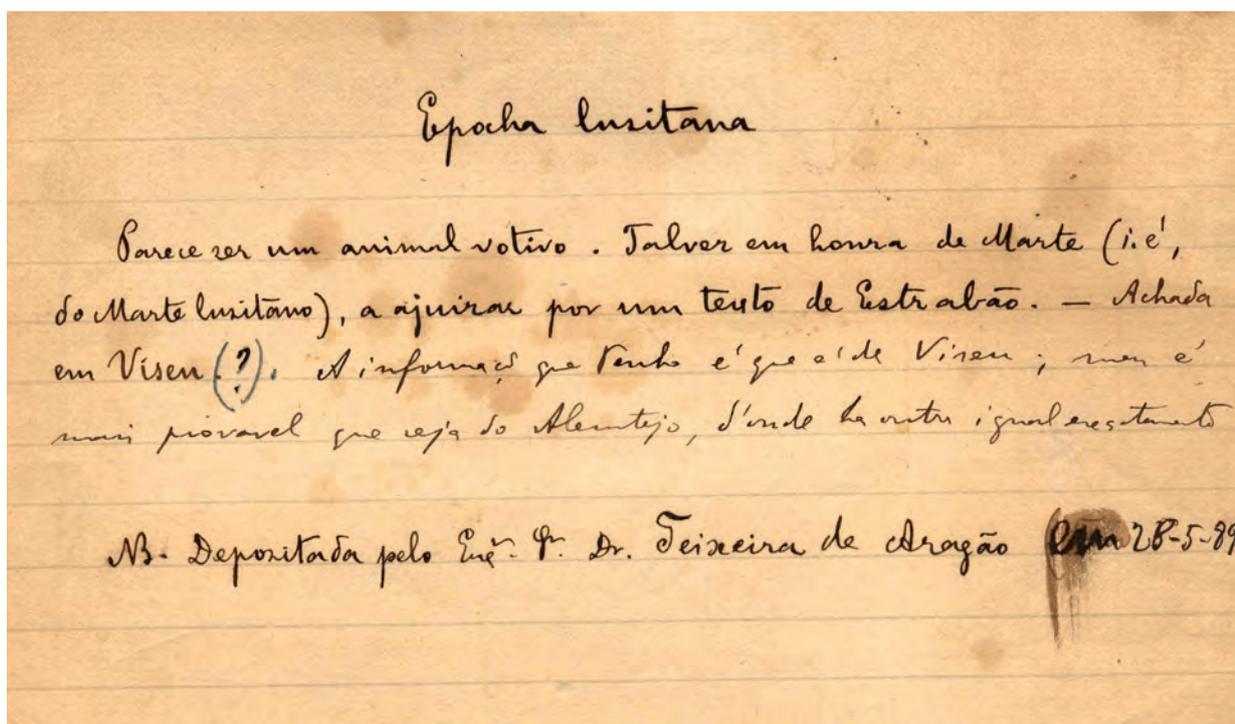


Fig. 16 – Verbetes manuscrito autógrafa de José Leite de Vasconcelos acerca da escultura de touro conservada oferecida por Teixeira de Aragão à Biblioteca Nacional de Lisboa e ali ainda hoje conservada. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto de Elisabete Pereira.

¹⁹ Deveria referir-se a Alexandre da Silveira e Lorena (1847-1903).

²⁰ Informação disponibilizada através da MatrizNet.

²¹ Arquivo MNA, Cx Aquisições e Inventário de Peças.

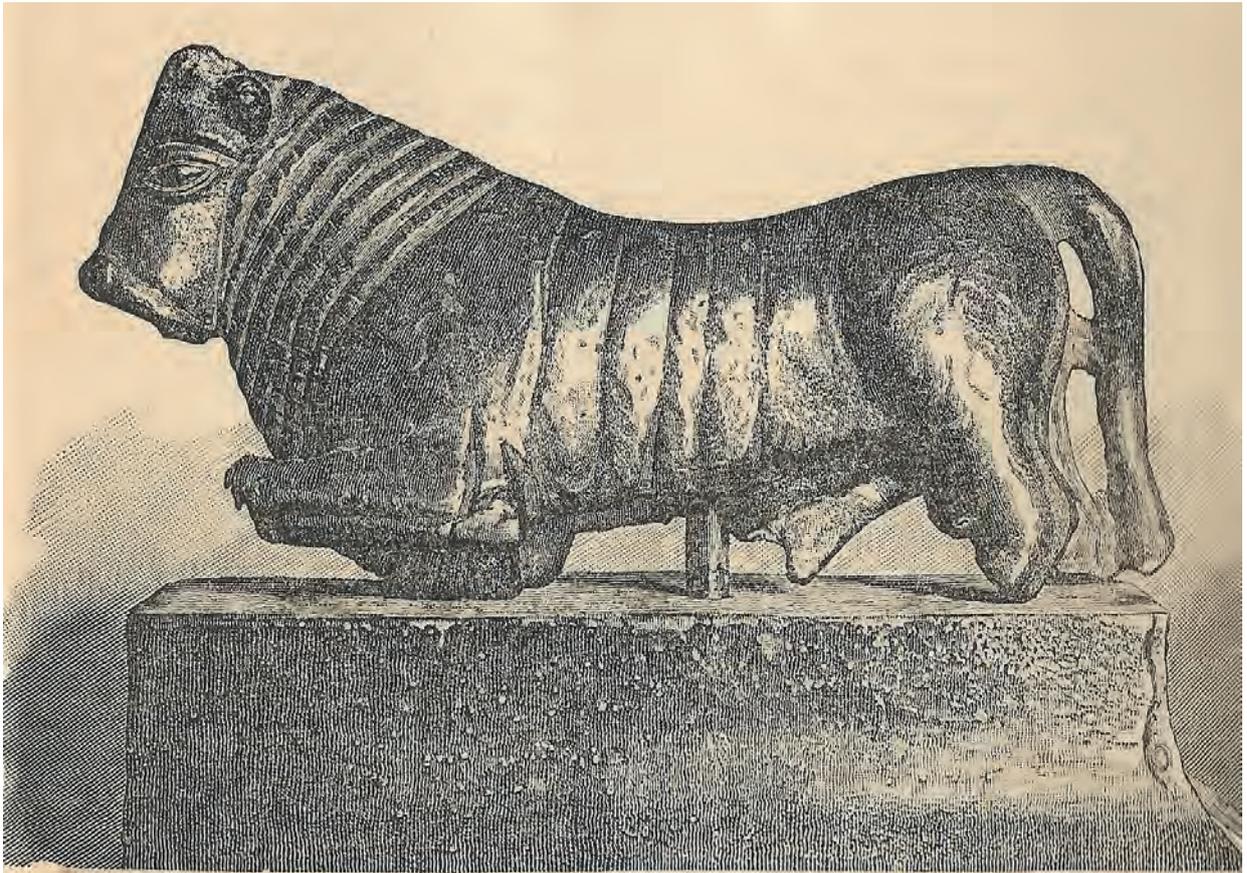


Fig. 17 – Gravura do touro de bronze conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa (PEREIRA, 1895, p. 345). Foto de João Luis Cardoso.

na Biblioteca Nacional em 28 de Maio de 1889. Trata-se de magnífica escultura em bronze de um touro, que efectivamente ainda hoje se conserva no Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Portugal, tendo sido ali inventariado com o n.º 11 (ALARCÃO & DELGADO, 1969). O primeiro estudo que lhe foi dedicado deve-se a Gabriel Pereira (PEREIRA, 1895), por certo a convite do seu subordinado Leite de Vasconcelos, designado-a por “insignia de bronze antiga” (Fig. 17). Com 0,14 cm de comprimento, é peça de características arcaicas, conforme foi referido por Pierre Paris (PARIS, 1904, p. 222-223) que a voltou a reproduzir. Importa, pois, destacar, a atitude generosa de Aragão, ao oferecer este exemplar cuja importância bem conhecia, a uma instituição pública, afastando-se do que seria de esperar de um mero coleccionador suspicaz dominado pela avaréza. É interessante, também, verificar que não foi à Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes que esta peça foi destinada, mas sim a uma instituição que nem sequer Museu público possuía.

Apesar desta cooperação com Leite de Vasconcelos ser antiga e ter conhecido resultados concretos, traduzindo-se igualmente na disponibilização para estudo de exemplares das suas colecções, Teixeira de Aragão não foi totalmente ao encontro das expectativas do já então director do Museu Etnológico Português, que esperava poder incorporar todos aqueles objectos nos acervos do “seu” museu. Na verdade, a parte mais importante, como refere José Leite de Vasconcelos, foi leiloadada, em vida do próprio, ou já depois da sua morte (VASCONCELOS, 1904, p. 135, 136), com destaque para a sua coleção numismática.

Em Janeiro de 1901 o Museu Etnológico Português adquiriu a Aragão, que viria a falecer a 29 de Abril de 1903, cerca de 100 peças arqueológicas pelo valor de 67500 réis²². A sua descrição sumária foi realizada pelo diretor do Museu num manuscrito autógrafa onde se identificam abreviadamente os objetos e as suas proveniências, por vezes com a representação esquemática dos mesmos (Fig. 18), com 75 entradas. Contudo, em vários registos são englobados mais do que um objecto: com o número 4, são registados “sete frag. de unguent. de vidro”; com o número 37. “quatro obj. de vidro preto (Odemira)”; ou ainda com o número 49. “três lâmpadas de T. d’A”.

Este documento permite-nos assim reconstituir, ainda que parcialmente, o percurso dos objectos que hoje são pertença do Museu Nacional de Arqueologia (MNA). Veja-se por exemplo o caso do pente de bronze de

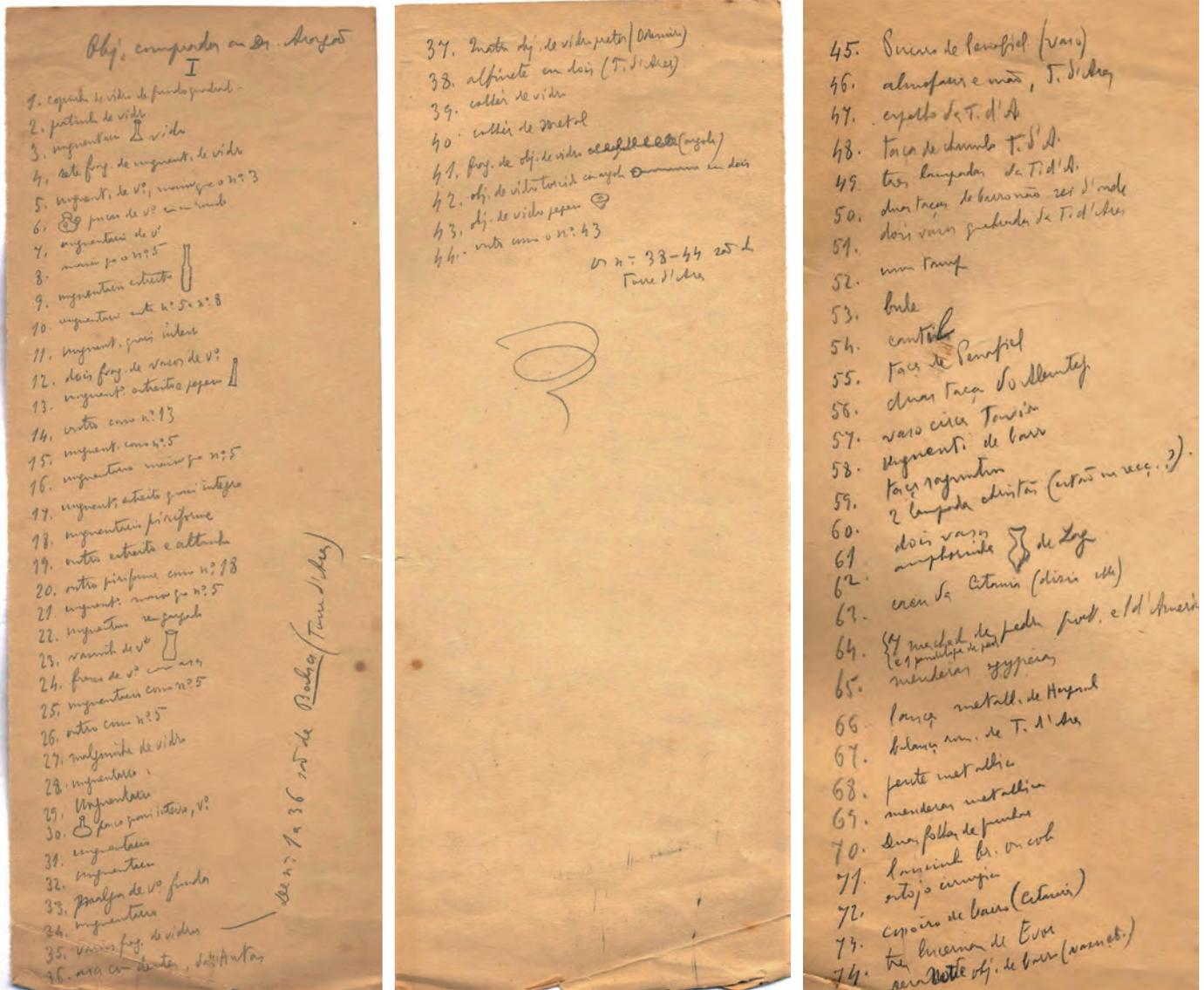


Fig. 18 – Inventário autógrafa de José Leite de Vasconcelos de parte da colecção de Augusto Carlos Teixeira de Aragão adquirida pelo Museu Nacional de Arqueologia em Janeiro de 1901. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto de Elisabete Pereira.

²² Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia, documentos de José Leite de Vasconcelos.

época romana, preservado no MNA com a cota 983.289.1²³. No historial do objecto registado na MatrizNet podemos ler que “se ignora a sua proveniência, indicando-se que pertencia à coleção de Teixeira de Aragão. Como esta deu entrada no Museu juntamente com o espólio recolhido por Estácio da Veiga e se encontrava junto desta, pode tratar-se de um objeto recolhido em Torre d’Ares”. Sabe-se agora que, contrariamente ao registado, os objectos que pertenceram à coleção de Aragão entraram independentemente no Museu através deste processo de aquisição que ocorreu em Janeiro de 1901, o qual regista precisamente um “pente metálico”, enquanto que a coleção de Estácio da Veiga foi adquirida logo após a fundação do Museu, em 1893, conforme atrás se referiu, datando a sua incorporação efectiva do ano seguinte.

Este manuscrito vem igualmente esclarecer o momento de incorporação do espelho romano em bronze registado no MNA com a cota 15451²⁴. O historial do objecto registada na MatrizNet refere a provável integração do espelho romano em 1894, ano em que foram incorporadas as coleções de Estácio da Veiga. Contudo, o espelho registado neste manuscrito de Leite de Vasconcelos corresponde ao objecto recolhido por Aragão durante o período em que residiu em Tavira, “nos terrenos das Antas, que confinavam com a propriedade da Torre de Ares” (ARAGÃO, 1896, p. 56). Importará igualmente rever o historial da balança romana, encontrado na quinta da Torre d’Ares (*Idem, ibidem*), e registada na MatrizNet com a cota 983.288.9²⁵. Mais uma vez, este manuscrito vem indicar a sua incorporação no âmbito deste processo de aquisição da coleção arqueológica de Teixeira de Aragão em Janeiro de 1901.

De salientar o elevado número de peças de vidro provenientes das necrópoles da antiga cidade de Balsa: um conjunto de mais 24 unguentários de diversos formatos e dimensões e em vários estados de conservação; a estes juntam-se copos, pratos e vasos, igualmente provenientes das mesmas necrópoles. Nesta listagem identificam-se também 14 objectos provenientes de Torre d’Ares. Os desenhos esquemáticos inscritos no manuscrito poderão contribuir igualmente para esclarecer o seu historial.

É igualmente interessante verificar a existência de outros objectos arqueológicos ou etnográficos oriundos de outras áreas geográficas, registando-se um cossoiro da Citânia de Briteiros que deve ter sido obtido aquando da reunião ali havida em 1877. De igual modo, assinalam-se exemplares de outras paragens, como um machado de pedra polida “da America”, que poderá relacionar-se com o conjunto de peças etnográficas brasileiras dali trazidas no século XVIII por Alexandre Rodrigues Ferreira, entre os quais alguns machados de pedra polida encabados, conservados na Academia das Ciências de Lisboa e estudados pelo próprio (ARAGÃO, 1892), bem como um exemplar do Egipto.

A dispersão da coleção arqueológica de Teixeira de Aragão fez-se também por outras vias. O colecionador optou por vender em França, ao “Sr. Baron”, “vários anéis de ouro romanos, achados em Portugal, alguns vasos do Algarve, da mesma época, e um fundo de pátera lusitano-romana de prata, “com a gravura de um Deus” (VASCONCELOS 1904, p. 136). Leite de Vasconcelos considerou esta venda ao comerciante parisiense como um desfalque à arqueologia nacional: “Não obstante a amizade que eu consagro a Aragão (...) não posso esquecer este desfalque que elle fez sofrer à arqueologia nacional, entregando a um negociante estrangeiro objectos que deviam ficar no país, de mais a mais sabendo Aragão que eu lh’os comprava para o Museu” (VASCONCELOS 1904, p. 136), pois teria condições para adquirir este e todos os outros objectos que pertenceram às coleções de Teixeira de Aragão.

²³ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=120097>

²⁴ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=1025816>

²⁵ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=113860>

Esta pátera de prata possui letras incrustadas a ouro (RIBEIRO, 2002), tendo sido encontrada no norte de Portugal (Fig. 19). Em 1861 estava na posse de Domingos de Oliveira Maia (1798-1863), fidalgo-cavaleiro da Casa Real, residente na cidade do Porto (HÜBNER, 1871, p. 69; ENCARNAÇÃO, 2012, p. 124; PEREIRA & NUNES, 2019). Emil Hübner (1834-1891) mencionou-a no artigo *Antichità del Portogallo* (HÜBNER, 1862, p. 205) e depois na obra *Corpus Inscriptionum Latinarum* (1869) e nas *Notícias archeologicas de Portugal* (HÜBNER, 1871). A pátera, que era então o único objeto desta tipologia conhecido território português, foi adquirida, em circunstâncias e data desconhecidas, por Teixeira de Aragão que a vendeu ao já mencionado



Fig. 19 – Desenho do fundo de pátera romana de prata que pertenceu a Teixeira de Aragão publicado por Emil Hübner (HÜBNER, 1871) e posteriormente reproduzida, em 1905, por Leite de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1905 a, p. 310). Museu Nacional de Arqueologia, Au 112. Arquivo e foto© de João Luís Cardoso.

antiquário de Paris, registado por Leite de Vasconcelos como “Sr. Baron”²⁶ (VASCONCELOS, 1904, p. 136). Este nome não consta nos *Repertoire des Catalogues de Ventes Publiques: Intéressant L’Art ou la Curiosité* (LUGT, 1964), não surgindo igualmente nos *Catalogues de Vente aux Enchères*²⁷. No entanto, em correspondência conservada nos arquivos do Musée d’archéologie nationale de Saint-Germain-en-Laye (França), foi possível identificar um antiquário com o nome de Stanislas Baron, que possuía uma casa comercial no número 28 da Rue Grange-Batelières em Paris, e cujas cartas dirigidas ao diretor do museu em Saint-Germain-en-Laye eram precisamente de teor comercial²⁸.

Stanislas Baron é descrito como “a clever and energetic Paris dealer” who “began his career as a wine-merchant: touring through Spain, he had many occasions to purchase works of art and finally gave up selling indifferent wine and dealt instead in valuable antiquities” (RICCI, 1910, p. III)²⁹. O autor, Seymour Ricci, acrescenta ainda que Stanislas Baron adquiriu objectos merovíngios provenientes do Norte de França, encontrados sobretudo das escavações realizadas por Lelaurain (RICCI, 1910, p. IV)³⁰. Deveria ser personalidade conhecida dos colecionadores da Península Ibérica e franceses. Embora Ricci se refira unicamente a Espanha³¹, considera-se como muito provável a hipótese de Stanislas Baron ter contactado em Espanha com comerciantes portugueses, ou ter inclusivamente circulado por Portugal. É conhecido o facto de outro importante colecionador português, Pedro Eugénio Daupias (1818-1900), ter adquirido objectos antigos precisamente a Stanislas Baron (CHEVALLIER, 1892; GONÇALVES, 2021).

Leite de Vasconcelos conhecia a localização da sua casa comercial em Paris, e possivelmente em 1901, ano em que defendeu precisamente na capital francesa a sua tese de *Doctorat de l’Université, Esquisse d’une dialectologie portugaise*³², procurou recuperar os objetos vendidos por Aragão. Nessa sua deslocação a Paris não obteve a pátera, que segundo o comerciante pertenceria então a uma senhora americana, nem os anéis da coleção de Aragão, mas adquiriu para o museu “alguns dos vasos” que lhe pertenceram (VASCONCELOS, 1904, p. 136): uma taça de terra sigillata sudgálica (Fig. 20)³³, um exemplar de terra sigillata hispânica³⁴ e uma taça de paredes finas da mesma época³⁵. No que se refere à pátera, José Leite de Vasconcelos viria a recuperá-la, inesperadamente, alguns anos depois, em Março de 1905, em Madrid³⁶.

²⁶ A biografia deste objeto foi publicada recentemente: PEREIRA & NUNES, 2019.

²⁷ Fontes consultadas nos Archives de Paris, Boulevard Séurier, 18 Paris, em dezembro de 2017; *Catalogues de Vente aux enchères*: D.5E3/50; D.5E3/51; D.5E3/52; D.5E3/53;

²⁸ Investigação realizada em Novembro de 2019 no arquivo do Musée d’archéologie nationale de Saint-Germain-en-Laye; agradecemos o apoio de Christine Lorre e Soline Morinière.

²⁹ Agradecemos a colaboração de Hugo Xavier e Ramiro Gonçalves na identificação dos trabalhos citados.

³⁰ Stanislas Baron é também mencionado numa obra editada pelo Metropolitan Museum of Art: BROWN, *et al.* 2000, p. 16.

³¹ É comum durante o século XIX vários autores estrangeiros referirem-se a Portugal como parte de Espanha.

³² Foi publicada nesse mesmo ano de 1901 pela editora Aillaud & C.^{ie}.

³³ Museu Nacional de Arqueologia, n.º 15587;
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=118415>

³⁴ Museu Nacional de Arqueologia, n.º 15586.
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=119876>

³⁵ Museu Nacional de Arqueologia, n.º 15578.
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=119877>

³⁶ VASCONCELOS, 1905 b, p. 400.



Fig. 20 – Taça de Terra *sigillata* sudgálica, Museu Nacional de Arqueologia, 15587. Foi encontrada na quinta de Torre de Ares, pertenceu à colecção arqueológica de Teixeira de Aragão e integrou o conjunto de objectos que o colecionador vendeu ao leiloeiro parisiense Stanislas Baron. Foi comprada em Paris, juntamente com outros objectos, para o Museu Etnológico, por José Leite de Vasconcelos.

5 – CONCLUSÃO

Foi traçada, pela primeira vez, a actividade de Teixeira de Aragão no domínio da Arqueologia, cuja visibilidade se manteve até hoje ensombrada pelos seus méritos como numismata, já amplamente reconhecidos no seu tempo, e de referência incontornável até à actualidade. Já como estudioso e colecionador de espólios arqueológicos, ainda que em parte estas duas vertentes científicas estejam interligadas – a Arqueologia e a Numismática – a sua actividade era muito pouco conhecida. Por isso se considerou de interesse a realização deste estudo, evidenciando a personalidade polifacetada e permanentemente desperta e curiosa, bem evidenciada na diversidade e importância das colecções por si reunidas ao longo de várias décadas. No tocante à Arqueologia, o seu interesse foi desperto aquando exercia as funções de oficial-médico em Tavira, associando a identificação à protecção dos exemplares arqueológicos a que ia tendo acesso. Também a sua generosidade desde esses tempos da década de 1850 se encontra evidenciada pela oferta da bela epígrafe funerária romana escrita em Grego, que ofereceu a Estácio da Veiga, que a publicou. Com este arqueólogo viria a estabelecer frutuosas relações que proporcionaram àquele a publicação de importantes peças arqueológicas que pertenciam a Aragão, contrariando a imagem do colecionador relutante em fornecer a terceiros informações científicas, e pouco disponível para ceder ou mesmo dar a conhecer as suas colecções. E do mesmo modo procedeu com Leite de Vasconcelos, muitos anos depois.

Esta realidade encontra-se também evidenciada em algumas obras de índole arqueológica que publicou, mais ou menos relacionadas com a Arqueologia. Para além da sua obra maior, sobre Numismática portuguesa, cujo primeiro de três volumes foi publicado em 1875, e que lhe valeu a eleição directa para sócio efectivo

da Academia das Ciências de Lisboa, em 1876, o prazer que retirava do estudo e do conhecimento das suas peças, sempre conseqüente, por conduzir a publicações objectivas e úteis, transparece em outras obras sobre temáticas novas, cujo estudo até então não tinha despertado qualquer interesse em Portugal. É o caso daquela que, modestamente, designou por “Anneis”, publicada em 1887, que evidencia o seu empenho no estudo de um grupo de artefactos mais ou menos artísticos e de uso quotidiano, como fontes de informação histórica. O cuidado na exploração dos detalhes exibidos por estas e outras peças, era acompanhado pela inventariação das colecções com o registo cuidadoso da proveniência dos exemplares, afastando-o definitivamente do curioso espírito ou do colecionador com objectivos económicos ou comerciais. Este cuidado e rigor no tratamento e organização das colecções e na descrição dos exemplares que as integravam, fossem suas ou de outrem, encontra-se já evidenciado tanto no catálogo elaborado para a Exposição Universal de Paris de 1867, onde teve papel de alta responsabilidade pela qualidade e importância das peças então ali apresentadas ao público, como no catálogo das moedas romanas do Rei D. Luís, publicado três anos depois, em 1870, quando já exercia o cargo de Conservador do Gabinete Real. Tal disposição pelo rigor do registo explica, enfim, a adequada inventariação da sua colecção arqueológica, em boa parte adquirida em 1901 pelo Estado e presentemente incorporada no Museu Nacional de Arqueologia.

AGRADECIMENTOS

À presidência da Academia das Ciências de Lisboa, por ter autorizado a consulta e reprodução de documentação constante do Processo Individual de Teixeira de Aragão. À direção do Museu Nacional de Arqueologia e do Musée d’Archeologie Nationale (Saint-Germain-en-Laye, França) por todas as facilidades e autorizações concedidas para a publicação deste estudo.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, J. & DELGADO, M. (1969) – *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades. 1.ª Parte. Antiguidades ibéricas e romanas*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1870) – *Descrição Histórica das Moedas Romanas existentes no Gabinete Numismático de sua Majestade El-Rei o Senhor D. Luiz I*. Lisboa: Typographia Universal.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1875, 1877, 1880) – *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. 3 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1868) – *Relatório sobre o cemitério romano descoberto perto da cidade de Tavira em Maio de 1868*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1867) – *Description des monnaies, médailles et autres objets d’art concernant l’histoire portugaise du travail*. Paris: Imprimerie Administrative de Paul Dupont.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1887) – *Anneis*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1892) – Catalogo dos objectos de arte e industria dos indígenas da América que pelas festas comemorativas do 4.º Centenário da sua descoberta a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia à Exposição de Madrid. *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. 2.ª Classe, 4 (2), p. 1-44.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1896) – Antiguidades Romanas de Balsa. *O Archeologo Português*. Lisboa. 2, p. 55-57.

- BROWN, K. R., KIDD, D. & LITTLE, C. (ed.) (2000) – *From Attila to Charlemagne, Arts of the Early Medieval Period in The Metropolitan Museum of Art*. New York: The Metropolitan Museum of Art and Yale University Press.
- CALDAS, A. J. F. (1996) – Conferência arqueológica da citânia. *Revista de Guimarães* (Parte I). Guimarães. 106, p. 240-243.
- CARDOSO, J. L. (2006) – Apresentação. In VEIGA, S. P. M. Estácio da *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos históricos*. Volume V. Silves/Lisboa: Câmara Municipal de Silves/Museu Nacional de Arqueologia, p. 15-30.
- CARDOSO, J. L. (2007) – Estácio da Veiga e a Arqueologia. Um percurso científico no Portugal oitocentista. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 293-520.
- CARDOSO, J. L. (2018) – Primórdios dos estudos pré-históricos em Portugal: os concheiros mesolíticos de Muge (Salvaterra de Magos) e a *Memória* pioneira de Francisco António Pereira da Costa sobre o concheiro do Cabeço da Arruda. In FRANCO, J. E. & FIOLEHAI, C. (dir.), *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa. 2. Primeiros textos de Pré-História, História e Heráldica*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2, p. 91-112.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, p. 145-168.
- CHEVALLIER, P. (1892) – *Catalogue de tableaux anciens & modernes composant l'importante collection de M. le Comte Daupias de Lisbonne*. Paris, 1892.
- COSTA, F. A. P. (1868) – Monuments mégalithiques du Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique. Comptes rendu de la 2.me Session, Paris 1867*. Paris: C. Reinwald, Libraire-Éditeur, p. 180-185.
- CUNHA, C. C. (1901) – *Catalogo do leilão d'objectos d'arte e mobiliário antigo da collecção Aragão na sua casa, calçada do Salitre, no 329-Lisboa: por intervenção do agente Casimiro C. da Cunha*. Lisboa: Typographia da Companhia Nacional Editora.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2012/2013) – Uma pátera envolta em mistério? *Anas*. 25-26, p. 117-132.
- FERREIRA, E. (2017) – *Antecedentes de um Museu; Lisboa em Festa; a Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola*. Lisboa: Editora Caleidoscópico/Direcção-Geral do Património Cultural.
- GONÇALVES, R. (2021) – Memória da presença de esmaltes na coleção do conde Daupias. in Ana Paula Machado (dir.), *De azul e de ouro. Esmalte em Portugal da Época Medieval à Época Moderna*, Porto: Museu Nacional Soares dos Reis.
- GRAN-AYMERICH, È. (2001) – Archéologie et préhistoire: les effets d'une révolution. In PERRIN-SAMINADAYAR, È., ed., *Rêver l'archéologie au XIXe siècle: de la science à l'imaginaire*. Saint-Étienne: Publication de l'Université de Saint-Étienne. p. 17-46.
- HÜBNER, E. (1862) – Antichità del Portogallo. *Bullettino dell'Instituto di Corrispondenza Archeologica*. 10-11, p. 193-207.
- HÜBNER, E. (1871) – *Noticias Archeologicas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- KEIL, A. (1905) – *Colecções e Museus de Arte em Lisboa*. Lisboa: Livraria Ferreira e Oliveira.
- L.C.C. (Livia Cristina Coito) (2004) – Documentos para a história do MNA. *O Arqueólogo. Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 491-513.
- LEMO, F. Sande (1995) – Martins Sarmiento e a arqueologia Portuguesa dos anos setenta e oitenta do século XIX. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 105, p. 117-126.

- LUGT, F. (1964, dir.) – *Repertoires des Catalogues de Ventes publiques: Intéressant L'Art ou la Curiosité, Troisième Période 1860-1900*. La Haye: Martinus Nijhoff.
- MATEU y LLOPIS, F. (1949) – Cartas inéditas de Teixeira de Aragão. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 59 (1/2), p. 113-119.
- MATOS, A. C. & DEMEULENAERE-DOUYÈRE, C. (2012) – The World Exhibitions and the display of science, technology and culture: moving boundaries. *Quaderns d'història de l'enginyeria*. 12, p. 3-10.
- MORTILLET, G. de (1868) – Objects préhistoriques de Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Prè Historique. Compte rendu de la 2.me Session, Paris 1867*. Paris: C. Reinwald, p. 31-35.
- n/a (1903) – Necrologia: Dr. Teixeira de Aragão. *Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Lisboa. XXVI, 880, p. 126-128.
- n/a (1904 a) – *Catalogo da importante livraria do distincto numismata Dr. Teixeira de Aragão*. Lisboa, Imp. Lucas.
- n/a (1904 b) – *Catálogo do leilão de armas antigas: collecção do falecido Dr. Teixeira Aragão*. Lisboa, Typ. Universal.
- n/a (1904 c) – *Livros sobre numismática pertencentes à livraria do falecido Doutor Teixeira de Aragão*. Lisboa, Inst. Geral das Artes Graphicas.
- OLIVEIRA, C. F. (2010) – *Mosaicos Romanos de Portugal: o Algarve Oriental*. Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade de Arqueologia Clássica. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Volume I.
- PARIS, P. (1904) – *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*. Tome second. Paris: Ernest Leroux.
- PEREIRA, E. J. S. (2018) – *Colecionismo Arqueológico e Redes de Conhecimento, Atores, coleções e Objetos – Portugal (1850-1930)*. Lisboa: Caleidoscópio/Direcção-Geral do Património Cultural.
- PEREIRA, E. J. S. (2022) – The antique collection of Teixeira de Aragão (1823-1903): Lisbon and Paris. *La Belle Epoque des collectionneurs d'antiques en Europe*. Paris: Hermann Editions, Louvre Editions. (no prelo).
- PEREIRA, E. J. S. & NUNES, M. F. (2019) – A (in)visibilidade de um objeto romano do Museu Nacional de Arqueologia. *Leituras de história da ciência. MIDAS Museus e estudos interdisciplinares*, 10, <https://doi.org/10.4000/midas.1685>
- PEREIRA, E. & RODRIGUES, G. (1904) – *Portugal: Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*. Volume 1. Lisboa: João Romano Torres.
- PEREIRA, E. J. S. & XAVIER, H. (2022) – Augusto Carlos Teixeira de Aragão (1823-1903). *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (no prelo)
- PEREIRA, E. J. S.; LOPES, M. M. & NUNES, M. F. (2020) – 'Collective Wisdom' at the National Archaeological Museum in Portugal. *Museum History Journal*, 12/2, p. 171-191. DOI: 10.1080/19369816.2019.1731148.
- PEREIRA, G. (1895) – Insignia de bronze antiga. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 344-345.
- PODGORNY, I. & LOPES, M. M. (2013) -Trayectorias y desafíos de la historiografía de los museos de Historia Natural en América del Sur. *Anais do Museu Paulista*. 2, p. 15-25.
- RIBEIRO, J. C. (2002, coord.) – *As Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- RICCI, S. (1910) – *Catalogue of a collection of Merovingian antiquities belonging to J. Pierpont Morgan*. Paris.
- SILVA, J. da (1875) – Uma necropolis romana em Portugal. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série 2, 1 (6), p. 91-92.

- SILVA, J. da (1887) – Explicação da Estampa n.º 79. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série 2, 5 (6), p. 92-93.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1900 a) – Analecta epigraphica lusitano-romana. *O Archeologo Português*. Lisboa. 5, p. 138-143.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1900 b) – Do Areeiro à Mouraria - Carranca de Bronze Romana. *O Archeologo Português*. Lisboa. 5, p. 281.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1904) – Necrologia. *O Archeologo Português*, 9, p. 128-142.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1905 a) – *Religiões da Lusitânia*. Volume 2. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1905 b) – Miscellanea. *O Archeologo Português*, 10, p. 396-405.
- VEIGA, S. P. M. E. (1866) – *Povos Balsenses. Sua situação geographico-physica indicada por dous monumentos romanos recentemente descobertos na Quinta da Torre d’Ares distante seis kilometros da cidade de Tavira*. Lisboa: Livraria Catholica.
- VEIGA, S. P. M. E. (1886 1887, 1889, 1891) – *Paleoethnologia: Antiguidades Monumentais do Algarve*. Volumes 1 a 4. Lisboa: Imprensa Nacional.
- XAVIER, H. (2011) – O Museu de Antiguidades da Ajuda: numismática e ourivesaria das colecções reais ao tempo de D. Luís. *Revista de História da Arte*, 8; p. 71-87.
- XAVIER, H. (2011) - O Museu de Antiguidades da Ajuda: numismática e ourivesaria das colecções reais ao tempo de D. Luís. *Revista de História da Arte*. Lisboa. 8, p. 71-87.